



ANDRÉ CAMPOS DE CAMARGO

**FÉLIX GUATTARI: SUBJETIVIDADE,
CAPITALISMO E EDUCAÇÃO**

**CAMPINAS
2014**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ANDRÉ CAMPOS DE
CAMARGO**

**FÉLIX GUATTARI: SUJETIVIDADE, CAPITALISMO E
EDUCAÇÃO**

Orientador(a): Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração de Filosofia e História da Educação.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE
DEFENDIDA PELO ALUNO ANDRÉ CAMPOS DE CAMARGO
E ORIENTADA PELO PROF.DR. SILVIO DONIZETTI DE OLIVEIRA GALLO

Assinatura do Orientador

**CAMPINAS
2014**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gildenir Carolino Santos - CRB 8/5447

C14f Camargo, André Campos de, 1979-
Félix Guattari : subjetividade, capitalismo e educação / André Campos de
Camargo. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Silvio Donizetti de Oliveira Gallo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Capitalismo. 2. Subjetividade. 3. Instituição escolar. 4. Resistência. I. Gallo,
Silvio Donizetti de Oliveira, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Félix Guattari : subjectivity, capitalism and education

Palavras-chave em inglês:

Capitalism

Subjectivity

Educational institution

Resistance

Área de concentração: Filosofia e História da Educação

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Silvio Donizetti de Oliveira Gallo [Orientador]

Alexandre Filordi de Carvalho

Ana Lúcia de Godoy Pinheiro

Data de defesa: 21-02-2014

Programa de Pós-Graduação: Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

FÉLIX GUATTARI: SUBJETIVIDADE, CAPITALISMO E EDUCAÇÃO

Autor : André Campos de Camargo

Orientador: Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por André Campos de Camargo e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 21/02/2014

Assinatura:.....

Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

Resumo

A obra conceitual de Félix Guattari - formada por livros, cursos, artigos, entrevistas, etc.- pode ser descrita como o resultado de sua intensa militância política misturada à prática clínica e às leituras filosóficas, científicas e artísticas. Nela encontramos ecos de um antigo e grande projeto geral que permeou as pesquisas de inúmeros intelectuais desde Kant e que em sua época constituía uma pergunta da qual se ocupavam vários pensadores franceses. Tal projeto pode ser resumido pela questão: como nos tornamos o que somos? Nessa (im) possível filiação, Guattari parece ter respondido: tornamo-nos o que somos pela produção de subjetividade. Mas antes de respondê-la, ele formulou inúmeras perguntas, como por exemplo: Qual a relação do capitalismo com a produção de subjetividade? A produção de subjetividade é estritamente humana? Como os processos de subjetivação organizam a subjetividade na atualidade? Por que uma determinada produção de subjetividade se faz presente e não outra? Os equipamentos coletivos funcionam como produtores de subjetividade? É possível resistir aos processos de produção de subjetividade? Analisar a obra de Guattari, tendo em vista esse provável projeto geral em que ela se insere e os questionamentos que ela suscita frente ao presente, nos parece uma tarefa gigantesca, mas possível de ser realizada. Para que possamos tratá-la no limite desta dissertação, elaboraremos uma introdução ao pensamento de Guattari, buscando apresentar o conceito de subjetividade maquínica e o de produção de subjetividade capitalística - conceitos que parecem cortar transversalmente toda obra do pensador francês e dar sustentação aos demais conceitos – com o intuito de compreendermos o papel da instituição escolar no processo de subjetivação dos indivíduos na atualidade.

Palavras-chave: capitalismo, subjetividade, instituição escolar, resistência.

Abstract

The conceptual oeuvre of Félix Guattari, portrayed by books, essays, articles, lectures, courses and interviews, are the result not only of his intense political activism but also of his clinical practice and readings about philosophy, science and art. We also find in his works echoes of an old overall project that could be summarized by a question on which French scholars, among a several number of other intellectuals, have been discussing since Kant. This project corresponds to the question: How did we become what we are? Regarding this (im) possible association, Guattari seems to reply that we become what we are by producing subjectivity. Before attempting to answer the issue, he formulated several questions such as: What is the relation between capitalism and subjectivity production? Is the subjectivity production strictly human? How do the subjectivation procedures (the active production of subjectivity) organize the subjectivity currently? Why does a specific subjectivity production take place instead of another? Do the collectivity instances work as subjectivity producers? Is it possible to withstand the processes of subjectivity production? Although an analysis of Guattari's works seems an ambitious proposal, as regards the overall project in which his works are inserted and the questions raised by them towards contemporaneity, it can be done. In order to achieve it, this dissertation aims to develop this analysis attempting to comprehend the educational institution role in the subjectivation process of the individuals at the present time. Considering this goal, we will elaborate an introduction to Guattari's thought. This will allow us to introduce the concepts of the machinic subjectivity as well as the production of capitalistic subjectivity, concepts which seem to be throughout Guattari's oeuvre and also appear to support the remaining concepts, significant for the analysis.

Key words: capitalism, subjectivity, educational institution, resistance.

Sumário

Introdução.....	15
Diagrama Temporal.....	20
Capítulo I: Pierre-Félix Guattari: uma vida em várias direções	26
Capítulo II: Entrecruzamentos: subjetividade e capitalismo	51
II.1. Aspectos gerais da formação histórica da subjetividade capitalística.....	51
II.2. A subjetividade maquínica	66
II.2.1. As máquinas	66
II.2.2. Ontologia maquínica	70
II.2.3. A subjetividade maquínica: capitalística e/ou singular	76
Capítulo III: Entrecruzamentos: subjetividade, capitalismo e educação	83
III.1. O estudante e as máquinas	83
III.1.1. Topografia da máquina escolar	86
Considerações finais.....	92
Referências Bibliográficas	95
Apêndice I (obras literárias citadas no corpus da dissertação):	100
Apêndice II (obras cinematográficas citadas no corpus da dissertação):	101
Apêndice III (obra musical citada no corpus da dissertação):	102
Apêndice IV (obra artística citada no corpus da dissertação):.....	103

Aos avós, Lúdia Viana de Campos e José Campos Mansano [em
memória].

Agradecimentos

À minha esposa Cintia Mara Bertolucci, à minha mãe Ester Campos de Camargo, ao meu pai Domingos Vieira de Camargo, ao meu irmão Fernando Vieira de Camargo Neto, à minha avó Lídia Viana Campos e ao meu avô José Campos Mansano [em memória] pelo carinho, amor e dedicação.

Aos meus amigos com quem troco conhecimentos sonoros, cinematográficos, filosóficos, educacionais e históricos, de hoje e ontem, Abel Bruder dos Santos, Alessandra Cristina Rigonato, Augusto Barba Correia, Benedito Almir Faria, Carla Gisele Nobrega, Daniel de Oliveira Costa, Daniel Figas, Emerson Ferreira Gomes, José Rogério Vitkowski, Luccas Eduardo Castilho Maldonado, Luciana do Nascimento da Silva, Mauri Francisco Alves [em memória], Patrícia Neves de Almeida e Raphael Guazzelli Valerio.

Aos companheiros de trabalho da E.M.E.F. “Profª. Iris de Castro Amadio”, as professoras Denise A. Bueno, Elizete C. Tezin Almeida, Haydée O. Santana, Jeane S. H. de Camargo, Maria Augusta C. Curto, Maria R. Rodrigues, Patricia S. P. A. Bandetini, Rosana M. Lorenzzi, Lilian Ferreira, Renata C. Nogueira, Ubiraceia D. B. Sampaio, Vanessa A. Camargo e os professores Eduardo Marcusso, Genival José de Souza, José Carlos de Oliveira, José R. G. Camargo, Marcelo S. Leite, Rubens Quevedo e Sergio C. Liviéri, por construírem cotidianamente uma escola mais participativa.

Aos funcionários da Faculdade de Educação da UNICAMP, pela atenção e receptividade.

Aos colegas dos Grupos de Estudos: Diferenças e Subjetividade em Educação (DiS) e Transversal, ambos da Faculdade de Educação da Unicamp, Aline Bagetti, Laisa B. O. Guarenti, Lucia de Fátima Royes Nunes, Maria Emanuela E. Santos, Priscila R. Nunes,

Renata Lima Aspis, Rodrigo Barchi, Valeria Aroeira Garcia e Vanessa Regina O. Martins, pelas conversas, leituras, aprendizados e risos.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP, principalmente, Prof^a. Dr. Carmen Lúcia Soares, Prof. Dr. César Aparecido Nunes e Prof. Dr. Roberto Akira Goto, pela presença intelectual, acolhimento e incentivo.

Aos professores Doutores, Alexandre Filordi de Carvalho, Ana Lucia de Godoy Pinheiro e Angela Fatima Soligo, pela leitura atenta, críticas e sugestões por ocasião do Exame de Qualificação.

E, especialmente, ao Prof. Dr. Silvio Donizetti de Oliveira Gallo, pela orientação, confiança e amizade.

Introdução

“(...) Não quero, entretanto, falar dos livros que fizemos juntos, mas daqueles que ele escreveu sozinho. Pois eles me parecem de uma riqueza inesgotável. (...) A obra de Félix Guattari está para ser descoberta e redescoberta.”¹

Gilles Deleuze

São quase que inexistentes em nosso país pesquisas acadêmicas voltadas para o pensamento de Félix Guattari na área da educação. Embora a maior parte de sua obra esteja traduzida e publicada em português, o uso integral que se faz dela é quase que totalmente restrito ao meio “psi”. E quando outras áreas das ciências humanas, como é o caso da filosofia, da ecologia, da antropologia e da educação, se voltam para ela, são apenas para lhe extrair algumas noções e conceitos. Não que essa atitude seja insensata ou desonesta com o pensamento do autor, mas pensamos que a falta de uma experimentação e sistematização de alguns pontos fundamentais da obra, impede a divulgação mais ampla de seu pensamento, assim como a proliferação de novas problematizações nessas áreas.

Contrariamente ao que se afirma acima, poder-se-ia argumentar que em algumas universidades brasileiras, onde são desenvolvidas pesquisas em educação, o pensamento de Guattari está difundido e se encontra presente em diversos trabalhos. Que bastaria uma pesquisa virtual no banco de dissertações e teses defendidas nessas instituições para

¹ O texto, *Até o fim...*, do qual extraímos essa passagem foi escrito por Gilles Deleuze para ser lido por Jean Oury, por ocasião do enterro de Félix Guattari, ocorrido em 04 de setembro de 1992. O texto completo se encontra na página 57 da publicação: Cadernos de Subjetividade/Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Volume I, nº 1, São Paulo, 1993.

comprovar o uso acadêmico desse pensador. Isso não deixa de ser verdade, porém o emprego de sua obra se restringe, quase que exclusivamente, aos trabalhos realizados em parceria com o filósofo Gilles Deleuze. Seus escritos pessoais são pouco estudados. Talvez o “esquecimento”, do outro lado de sua obra, por parte dos estudantes de pós-graduação em educação, seja duplamente proposital. Primeiro, porque causa em quem lê uma espécie de vertigem, como acontece quando uma pessoa vivencia, em um espaço de tempo curtíssimo, diferentes velocidades. Essa sensação ocorre por se tratar de inúmeros escritos que trabalham de forma transdisciplinar conteúdos da política, da psicanálise, da linguística, da filosofia e da arte. Em um único artigo é possível experimentar assuntos que vão da política à linguística, da psicanálise à arte em questão de poucas linhas. Segundo, porque os escritos se transformam em um pensamento denso e complexo, que evoca uma série de dificuldades por causa da grande quantidade de conceitos utilizados.

Se os escritos de Guattari causam vertigens pela complexidade de pensar diferentes temas e inúmeros conceitos de uma única vez, qual seria a forma mais adequada de abordá-los a fim de constituí-los como um importante ponto de inflexão na área da educação? Uma das saídas encontradas foi trabalhar sua obra individual a partir de uma leitura filosófico-política, ao mesmo momento em que dois conceitos centrais, extraídos dessa leitura – produção de subjetividade capitalística e subjetividade maquínica –, eram articulados para se pensar a constituição da subjetividade na contemporaneidade e o papel da instituição escolar de ensino básico nesse processo.

Para realizar essa tarefa, dividimos a dissertação em três capítulos. Contudo, antes do primeiro capítulo, apresentamos um diagrama temporal para que se possa, em qualquer parte da dissertação, retornar e consultar rapidamente as datas e os encontros que marcaram a vida de Guattari.

No primeiro capítulo, desenvolvemos uma biografia de Félix Guattari, para que se tenha uma compreensão um pouco mais ampla das práticas militantes, analíticas e filosóficas realizadas pelo pensador francês. O desenvolvimento desse capítulo contou preponderantemente com as informações contidas no livro: *Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada*, do historiador francês François Dosse, assim como, de referências dos livros: *Sobre o conceito de História*, de Walter Benjamin, encontrado na coleção, *Obras escolhidas de Walter Benjamin*, da editora brasiliense; *Michel Foucault: repensar a política, volume VI*, coleção Ditos e Escritos, publicada pela editora Forense Universitária; *Máquina Kafka*, lançado recentemente pela editora n-1. Além do vídeo completo da entrevista concedida por Guattari aos jornalistas Antoine Spire, Michel Field e Emmanuel Hirsch, durante o programa televisivo “Grandes Entrevistas”, da televisão francesa, ocorrido no final dos anos 80.

Dividido em duas partes, o segundo capítulo mostra a importância filosófico-política do conceito de produção de subjetividade capitalística e do conceito de subjetividade maquínica desenvolvidos pelo pensador francês. Na primeira parte, por meio do conceito de produção de subjetividade capitalística, destacamos a dimensão hegemônica do capitalismo contemporâneo, não apenas na sua maneira de produzir e conduzir a economia mundial, mas principalmente na forma de laminar as subjetividades humanas para assegurar sua reprodução. Como, ainda, estabelecemos uma ligação, entre o capitalismo das últimas décadas do século XX e os antigos períodos históricos da formação das sociedades ocidentais, para compreender os processos subjetivos que estão na base do desenvolvimento da subjetividade capitalística. Na segunda parte, utilizamos o conceito de subjetividade maquínica para discorrer sobre a formação da subjetividade humana e os

processos de agenciamentos que acabam gerando, se considerarmos apenas dois extremos, uma subjetividade predominantemente capitalística e/ou singular.

Para que o duplo empreendimento do segundo capítulo fosse possível, utilizamos as referências dos livros: *Caosmose: um novo paradigma estético*; *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*; *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise*; *Micropolítica: cartografias do desejo*, todos eles escritos individualmente por Guattari, com exceção do último, realizado em parceria com a psicanalista Suely Rolnik. Outros livros foram utilizados como referência: *História e Ciências Sociais*, do historiador Fernand Braudel; *O vocabulário de Deleuze*, escrito pelo filósofo François Zourabichvili; *Nau do Tempo-Rei: 7 ensaios sobre o tempo da loucura*, escrito pelo filósofo Peter Pál Pelbart; *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*, escrito pelo pensador Pierre Lévy. Alguns textos de Guattari também tiveram papel de destaque: *Da produção de subjetividade*, publicado no livro *Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual*, organizado por André Parente; *A paixão das máquinas e Guattari na PUC*, ambos publicados na coleção Cadernos de Subjetividade do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade da PUC-SP; *Máquina e estrutura*, que faz parte do livro *Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional*; *Linguagem, Consciência e Sociedade*, texto que abre o segundo número da revista Saúde e Loucura. Além dos livros e textos, utilizamos a letra da música, *Welcome to the Machine*, da banda inglesa Pink Floyd, para abrir o segundo capítulo.

Partindo da discussão desenvolvida anteriormente, procuramos realizar, no terceiro capítulo, uma descrição do cotidiano escolar, para ilustrar o funcionamento das relações maquínicas produtoras de subjetividade capitalística. Nesse capítulo utilizamos parte do conjunto de referências dos capítulos anteriores, como ainda elaboramos uma leitura da

imagem, *Boy With Machine* (Menino com máquina), do pintor germano-estadunidense Richard Lindner, para mostrar a ligação entre as diferentes máquinas que ajudam a compor a subjetividade de um estudante.

Para concluir, gostaríamos de afirmar, assim como Deleuze declara na epígrafe que abre esta introdução, que os livros escritos individualmente por Guattari, parecem de uma riqueza inesgotável. Esta dissertação realizada na área da educação, mesmo que timidamente, procurou trabalhar com alguns desses escritos.

Diagrama Temporal

1930 Nascimento de Pierre-Félix Guattari em 30 de março de 1930 em Villeneuve-les-Sablons (atual Villeneuve-le-Roi) próximo à capital francesa.

1939 Início da 2ª Guerra Mundial. Com a morte do avô, o pequeno Félix deixa de ser um garoto reservado e tímido e se transforma em uma criança extrovertida e expansiva. Primeiros problemas com a educação escolar.

1943 Após sua matrícula como aluno em uma escola de ensino fundamental, o pequeno Pierre começa a ter aulas com Fernand Oury, um discípulo de Célestin Freinet, no entanto, as aulas com esse professor de ciências não dura muito tempo, pois logo Oury é preso pelos alemães.

1945 Fim da 2ª Guerra Mundial. Félix se inscreve como colaborador nos Albergues da Juventude, onde Fernand Oury era encarregado da coordenação. O encontro com o psiquiatra Jean Oury, fundador da clínica La Borde, se deu em 1945 em uma das reuniões que o irmão de Jean, Fernand, realizava com os membros do Albergue da Juventude (AJ).

1946 Félix começou a militar no Partido Comunista Francês (PCF), como também no Partido Comunista Internacionalista (PCI), seção da IV Internacional Trotskista.

1948 Obteve sucesso nos seus estudos no liceu Paul-Lapie de Courbevoie e depois no liceu Condorcet, obtendo na série final do ensino médio seu *baccalauréat* em filosofia-

ciências. Apesar de sua paixão pela filosofia, seguiu a sugestão do irmão mais velho, Jean, e começou a cursar Farmácia em julho desse mesmo ano em Bécon-les-Bruyères.

1950 A amizade entre Félix e Jean Oury se estreita quando Jean aconselhou Félix a ler as obras de Lacan e também a mantê-lo a par das pesquisas desenvolvidas por esse teórico.

1951 Nesse mesmo ano decide definitivamente largar o curso de farmácia e se inscrever no curso de filosofia na Sorbonne, o qual também não terminará. Viaja para a China para conhecer as mudanças implantadas por Mao Tsetung após a revolução de 1949.

1953 Félix começa a acompanhar as conferências dadas por Lacan.

1954 Início da Guerra de Libertação da Argélia contra o domínio imperialista francês.

1955 Félix começa a trabalhar na Clínica de La Borde, fundado pelo seu amigo psiquiatra Jean Oury.

1959 Félix Guattari deixa o Partido Comunista Francês. Juntamente com seu amigo Raymond Petit edita o jornal *A Via Comunista*. Nascido em plena contestação da guerra da Argélia, o jornal se preocupava em debater questões ligadas à política colonial francesa.

1960 Félix, Jean Oury e outros psiquiatras criam um grupo de reflexão sobre a prática psiquiátrica: o Grupo de Trabalho de Psicoterapia e de Socioterapia Institucionais (GTPSI).

1961 Félix cria a Federação de Grupos de Estudo e de Pesquisas Institucionais (FGERI) com o objetivo de converter o trabalho intelectual em um grupo de pesquisa transdisciplinar e não acadêmico. Ainda nesse ano, Félix e mais dois amigos realizam uma entrevista com o filósofo Jean-Paul Sartre.

1964 Félix participa da criação da Escola Freudiana de Paris junto com Lacan.

1966 Para dar maior visibilidade aos trabalhos realizados pela Federação de Grupos de Estudo e de Pesquisas Institucionais (FGERI), o grupo publica a revista *Recherches*.

1967 Félix participa juntamente com Liane Mozère da criação do grupo de pesquisas CERFI. Ainda nesse mesmo ano, Félix e alguns amigos fundam a *Organização de Solidariedade à Revolução Latino-Americana* (OSARLA).

1968 Participa ativamente dos movimentos de contestação de Maio de 68 na França.

1969 Jean-Pierre Muyard, amigo de Guattari, decide apresentar Félix a Gilles Deleuze. O encontro articulado por Muyard ocorre em *Saint-Léonard-de-la-Noblat*, em *Limousin*.

1972 Publicação do livro *O Anti-Édipo* escrito com Gilles Deleuze. Ano que Guattari conhece a brasileira Suely Rolnik em Paris.

1974 Guattari publica pela Editora François Maspero, uma coletânea de ensaios escritos entre o ano de 1955 a 1970, intitulada *Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional*.

1975 Ano da publicação da obra *Kafka: Por uma literatura menor* de Deleuze e Guattari. Nesse mesmo ano, Guattari e Deleuze são convidados por Sylvère Lotringer, professor da Universidade de Columbia, para participarem de um simpósio nos Estados Unidos.

1976 Guattari participa juntamente com Mony Elkaïm, Robert Castel e Franco Basaglia (1924-1980), da Rede Alternativa à Psiquiatria.

1977 A revista *Recherches* se transforma em uma casa editorial e lança a coleção *Encres* que publica em 1977: *La Révolution Moléculaire*, de Guattari. Nesse ano, Guattari conhece o coordenador da Rádio Comunitária Alice de Bolonha e antigo dirigente do grupo esquerdista *Potere Operaio* (Poder Operário), Franco Berardi (Bifo).

1978 Guattari participa ativamente dos protestos da extrema-esquerda na Itália e acompanha as manifestações na Alemanha. Viaja para o Brasil para conhecer o líder do Partido dos Trabalhadores, o sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva.

1979 Guattari publica pela Editora Recherches o livro de sua autoria *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise*. Ano em que Guattari funda a Federação Nacional das Rádios Livres Não Comerciais e com François Pain criam a Rádio Libre Paris, que se torna em dezembro de 1980 a Rádio Tomate.

1980 Publicação de *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, obra colossal assinada por Deleuze e Guattari.

1982 Nesse ano é publicada a entrevista que Guattari realizou com o líder do Partido dos Trabalhadores, com o título: *Guattari entrevista Lula*.

1983 Guattari é homenageado na França com o título de comendador das Artes e das Letras.

1985 Guattari publica com Toni Negri o livro *Les Nouveaux Espaces de Liberté* (Novos espaços de liberdade). Nesse mesmo ano, é publicado um conjunto de entrevistas entre Jean Oury, François Tosquelles e Félix Guattari, intitulada: *Pratique de l'institutionnel et politique* pela editora Matrice de Paris.

1986 É lançado o livro *Micropolítica: cartografias do desejo*, assinado por Suely Rolnik e Félix Guattari. É publicado na França, nesse ano, o livro de Guattari intitulado *Les années d'hiver* (1980-1985).

1989 Dois livros de Guattari são publicados pela Editora Galilée de Paris, *As três ecologias* e *Cartographies Schizoanalytiques*.

1990 Nesse ano Guattari sofre vários infartos, mas não se cuida. Prefere continuar a trabalhar normalmente em La Borde.

1992 Guattari lança seus dois últimos livros em vida, *Caosmose: um novo paradigma estético* e, em coautoria, com Gilles Deleuze, *O que é a filosofia?* Falece em 29 de agosto, vítima de um infarto.

1999 a 2011 São lançados postumamente: *Ritournelle(s)*(1999), *La Philosophie est essentielle à l'existence humaine* (2002); uma série de escritos de Guattari sobre *O Anti-Édipo*, intitulado *Écrits pour L'Anti-Oedipe* (2004) e *Lignes de fuite: pour un autre monde de possibles* (2011).

Capítulo I: Pierre-Félix Guattari: uma vida em várias direções

“Recordo-me da impressão, eu diria fisiológica, que Guattari me causou de imediato – uma espécie de estado vibratório incrível, como um processo de conexão. O contato com ele aconteceu ali, e eu aderi mais ao movimento de energia do que à personalidade, a pessoa. Sua inteligência era excepcional, o mesmo tipo de inteligência que Lacan, uma energia luciferiana. Lúifer sendo o anjo de luz”.²

Por ter vivido e trabalhado durante alguns anos em La Borde, de 1966 a 1972, Jean-Pierre Muyard percebe que Guattari portava uma luz natural, uma originalidade de pensamento, um modo interdisciplinar e transversal de abordar as várias questões de seu tempo. Diferente do anjo da história³, do filósofo alemão Walter Benjamin, o anjo de Muyard não tem o rosto só voltado para o passado, ele não vê apenas as catástrofes acumuladas, não responsabiliza o progresso pelos acontecimentos desastrosos do presente e mesmo quando é impedido de agir, resiste. Esse anjo conhece os efeitos da desesperança quando invadem a subjetividade humana, sabe do poder revolucionário do devir, pensa cartograficamente o campo histórico, por isso se transmuta a todo instante em militante político, analista e filósofo.

Caçula de uma família tradicional e conservadora, Pierre-Félix Guattari nasce em 30 de março de 1930 em *Villeneuve-les-Sablons* (atual *Villeneuve-le-Roi*) próximo a capital francesa. Depois de alguns anos a família se instala em um HLM (*Habitation à Loyer*

² Em uma entrevista concedida a François Dosse, Jean-Pierre Muyard lembra seu encontro com Félix Guattari em um seminário da oposição de esquerda que se realizou na cidade de Poissy em 1964.

³ Neste trecho a figura do anjo da história de Walter Benjamin serve como contraponto ao anjo de Muyard. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.226.

Modere), conjunto habitacional em *Cité des Oiseaux*, em *Montrouge*, região mais próxima de Paris. Em 1934 seu pai consegue um empréstimo e se torna dono de uma pequena e próspera empresa de chocolates em La Garenne-Colombes (cf. DOSSE, 2010, p. 30). Com o crescimento da empresa, os pais do pequeno Pierre já não tinham a mesma disponibilidade de tempo para o caçula. Foi nesse momento que o mal-estar causado pelo sentimento de abandono transparece. Preocupados, os pais resolvem consultar um médico, que recomenda ao menino uma temporada no campo.

É na casa dos avôs em *Louviers*, após a morte trágica do avô em 1939, que o garoto reservado e tímido muda radicalmente de comportamento e se transforma em uma criança extrovertida e expansiva. Exemplo dessa transformação é a recusa do diretor da escola do bairro em aceitá-lo como aluno; a saída na época para seus pais foi matriculá-lo em um estabelecimento distante de sua casa.

Nos primeiros dias de aula, o pequeno Pierre conhece Fernand Oury, um discípulo do pedagogo Célestin Freinet. Foi nas aulas de ciências naturais do professor Oury, que depois se tornou célebre no campo da pedagogia institucional, que Pierre se abre para o universo social e político (DOSSE, 2010, p. 30). Porém, o contato com o professor dura pouco, pois Fernand Oury desaparece preso pelos nazistas em 1943. A passagem do professor de ciências, mesmo que rapidamente, pela vida de Pierre foi extremamente motivadora, ao ponto dele se inscrever, depois da Libertação em 1945, como colaborador nos Albergues da Juventude onde Oury era encarregado da coordenação. Os Albergues da Juventude (AJ) permitiam aos adolescentes de famílias modestas viajarem em férias pela França. Em uma das viagens realizadas pelo grupo, Pierre conhece um rapaz com o mesmo nome, para diferenciá-los e facilitar a comunicação grupal, pede que lhe chamem pelo seu segundo nome. O segundo nome acaba se impondo e Pierre se transforma em Félix.

A partir de sua vivência nos Albergues da Juventude que estimulava nos jovens a participação política em várias esferas da sociedade, Félix começa a militar no Partido Comunista Francês (PCF), como também no Partido Comunista Internacionalista (PCI), seção da IV Internacional Trotskista. Mesmo tendo seus engajamentos reprovados pela família, ele continua participando ativamente dos movimentos. Conjuntamente à militância, Félix obteve sucesso nos seus estudos no liceu *Paul-Lapie de Courbevoie* e depois no liceu *Condorcet*, obtendo na série final do ensino médio seu *baccalauréat* em filosofia-ciências em 1948 (DOSSE, 2010, p. 33).

Apesar de sua paixão pela filosofia, seguiu a sugestão do irmão mais velho, Jean, e começou a cursar Farmácia em julho de 1948 em Bécon-les-Bruyères. Desgostoso com o curso, repentinamente se vê reprovado nos exames do primeiro ano. Desde 1946, Félix mantinha um namoro com uma jovem moça de origem chinesa, Micheline Kao. Em 1951 decidem viver juntos na casa dos pais de Kao. Nesse mesmo ano, Félix resolve definitivamente largar o curso de farmácia e se inscrever em filosofia na Sorbonne. A sua paixão filosófica nesse momento é Sartre, a ponto de adotar a linguagem sartriana e a temática existencialista em seus escritos. Ao mesmo tempo em que mantinha o relacionamento com Kao, Félix sustentava teoricamente um jornal existencialista e ainda arranjava tempo para a militância no Partido Comunista Francês (PCF) e no Partido Comunista Internacionalista (PCI), como também, nos Albergues da Juventude, além dos contatos com militantes maoístas. Foi por meio de diferentes contatos em diversos grupos militantes e de seu apoio à revolução liderada por Mao Tsetung, que Félix viajou para a China em 1951. Por conta dessas relações, Félix firmou amizade com o historiador e sinólogo Jean Chesneaux, que na época fazia a aproximação entre os intelectuais franceses e os militantes do Partido Comunista Chinês (PCC) (DOSSE, 2010, p. 30).

Em 1952, Félix participa das reuniões de um grupo de estudantes de filosofia da Sorbonne ligados ao PCF. Nessas reuniões, influenciados por Félix, os jovens estudantes se dedicam, a partir do uso de pseudônimos, a escrever panfletos de claro posicionamento trotskista. Intituladas *Tribune de Discussion*, as publicações são postadas nas caixas de correio de outros estudantes ligados ao PCF, causando profundo descontentamento entre os mais ortodoxos.⁴ Por esse motivo, Félix e alguns amigos do grupo de filosofia foram expulsos em 1958 da União dos Estudantes Comunistas (UEC), grupo ligado ao PCF.

No final dos anos 50, Félix deixa o Partido Comunista Francês e juntamente com seu amigo Raymond Petit edita o jornal *A Via Comunista*. Nascido em plena contestação da guerra da Argélia, o jornal se preocupava em debater questões ligadas à política colonial francesa. No início de 1961, como repórteres do jornal, Félix e mais dois amigos realizam uma entrevista com Sartre, abordando assuntos ligados à guerra de independência da Argélia e o posicionamento do Partido Comunista Francês no cenário mundial. Entre 1958 e 1965, o jornal publicou 49 números sem nenhum apoio institucional. Os assuntos ligados à política eram variados e o posicionamento dos membros do jornal era uma mistura de trotskismo e maoísmo. Descontente do caminho seguido pelo jornal, Félix afasta-se em 1964 do grupo. Em 1965 ao publicar o *Manifesto dos 121* sobre o direito à insubmissão na Guerra da Argélia, o grupo viu suas edições apreendidas e seus editores ameaçados de prisão pela polícia, era o fim do jornal.

Além de sua identidade de militante político, Félix era admirado na Sorbonne por sua prática como psicanalista junto à clínica *La Borde* e pelo seu conhecimento das teses lacanianas. Seu encontro com o psiquiatra Jean Oury, fundador da clínica La Borde, se deu

⁴ Devemos lembrar que o Partido Comunista Francês (PCF) seguia a linha stalinista, inimiga declarada dos posicionamentos trotskistas.

em 1945 em uma das reuniões que o irmão de Oury, Fernand, realizava com os membros do Albergue da Juventude (AJ). A amizade entre Félix e Jean só começou a se estreitar em 1950, quando Jean aconselhou Félix a ler as obras de Lacan, como ainda em mantê-lo a par das pesquisas desenvolvidas por esse teórico, já que seu tempo era consumido integralmente pelas práticas psiquiátricas. A partir da amizade com Oury, Félix se torna fascinado pelos textos de Lacan. Em 1953 no *Collège de Philosophie*, na *Rue de Rennes*, Félix segue fielmente as conferências de Lacan sobre Goethe. Um ano depois, é o primeiro não psiquiatra a ser convidado por Lacan para assistir o seu seminário em Sainte-Anne. Nesse momento, Lacan realizava suas pesquisas objetivando compreender o funcionamento da linguagem, já que a linguística estava se tornando, nesse momento, uma importante ferramenta de pesquisa.

A demonstração de sua aproximação com Lacan se deu a partir do momento em que Félix começou a frequentar o divã do psiquiatra. A vida de Félix estava mudada, suas atividades intelectuais se concentravam para a absorção dos saberes lacanianos. Em suas anotações registradas em seu diário, Félix deixa transparecer um tema que estava presente nos cursos de Lacan, e que depois seria trabalhado e aprofundado por ele, a noção de máquina (DOSSE, 2010, p. 36).

A prática clínica de Félix se realizava em *La Borde*, um antigo castelo localizado na comuna de *Cour-Cheverny*, na região de *Chambord*, próximo a *Blois*, transformado em uma clínica psiquiátrica em 1953. Circunscrito em um parque de 18 hectares, o castelo contava com o essencial para o funcionamento de uma clínica. Este local de renovação psiquiátrica foi inspirado na clínica psiquiátrica fundada em 1921 pelo doutor Tissot em *Saint-Alban*, em *Lozère*. A clínica de *Saint-Alban*, além de realizar durante a Segunda Guerra Mundial mudanças nas práticas psiquiátricas, serviu de reduto para a resistência

francesa enquanto a guerra durou. Com a chegada do psiquiatra catalão François Tosquelles, fugido da Espanha franquista por ser o responsável pelo serviço psiquiátrico do exército republicano espanhol, a clínica de Saint-Alban se transforma, com sua colaboração, em um centro de renovação psiquiátrica. Os posicionamentos emancipatórios de Tosquelles foram inspirados pela experiência clínica do psiquiatra alemão Hermann Simon, criador da terapêutica ocupacional.

Jean Oury se dirigiu para *Saint-Alban* em 1947, para engrossar o quadro de pessoas comprometidas com posicionamentos de renovação psiquiátrica. Sua admiração por Tosquelles é imediata e sua proposta de compor com os colegas um trabalho libertário fez de Oury um membro respeitado e admirado pelo grupo. Jean Oury permanece em Saint-Alban até 1949, quando é chamado para substituir, em Saumery, um amigo de Tosquelles. É em Saumery, na clínica de *La Source*, que se forma a futura equipe que iria compor os quadros profissionais de La Borde. Em *Saumery*, Oury desenvolve e aperfeiçoa sua prática psiquiátrica na linha de *Saint-Alban*. Contudo, pressionado pelos proprietários da clínica que queriam retomá-la, Oury decide levar a experiência para outro lugar. Em 1953 descobre que o castelo de *La Borde*, próximo dali, estava à venda. Ele o adquiriu e levou consigo todos os internos de *Saumery* e sua equipe.

A nova clínica fundada por Jean Oury parte do pressuposto que o grupo terapêutico deve se organizar a partir de três princípios: primeiro, o princípio do centralismo democrático, que assegurava as decisões mais importantes para o grupo gestor; segundo, o princípio de revezamento das tarefas, que toda pessoa deve ser capaz de passar do trabalho manual ao trabalho intelectual e vice-versa; terceiro, o princípio da antiburocracia, no qual instituía uma organização comunitária com a coletivização das responsabilidades, das tarefas e dos salários. Esses princípios fazem com que o grupo terapêutico de La Borde se

desfaça de suas especializações e hierarquizações e que não reproduza o que se passava na maioria das clínicas da França na época.

Desde 1950, Félix mantém Jean Oury atualizado de sua militância política e dos seminários de Lacan. Em 1955 é convidado a se instalar em La Borde com sua companheira Micheline Kao. Ela trabalha na clínica como secretária médica, além de se dedicar a outras atividades. Félix é incumbido da organização das tarefas cotidianas e do clube terapêutico da clínica. Aproveitando os espaços de trabalho para manter um diálogo amplo com os cuidadores e com os pacientes, Félix procura colocar em ação o princípio de revezamento fazendo com que todos fizessem de tudo dentro da clínica. Espantados pelo dinamismo de suas ideias e pela facilidade que as colocava em prática, logo é apelidado de “Speedy Guatta”. Depois de um ano vivendo em La Borde, Micheline Kao se separa de Félix e se muda da clínica. Abatido, Félix conhece a nova monitora, Nicole Perdreau, que acabara de chegar à *La Borde*. Desse encontro nascem seus três filhos: Bruno, Stephen e Emmanuelle.

Depois de alguns anos, instalado em *La Borde*, Félix convida alguns amigos do mundo da cultura e da militância de esquerda para se alojar temporariamente na clínica. A vinda dos estudantes pode ser explicada principalmente pelo desejo de conhecerem o mundo da psiquiatria, como também, de constatarem uma “utopia” sendo realizada em uma instituição.

Em 1960, Jean Oury e outros psiquiatras, além de Félix, criam um grupo de reflexão sobre a prática psiquiátrica: o Grupo de Trabalho de Psicoterapia e de Socioterapia Institucionais (GTPSI). O grupo define um campo teórico e prático de pesquisa e intervenção que recebe o nome de psicoterapia institucional. Inicialmente Félix modera suas intervenções, mas depois de algum tempo elas se tornam longas e fundamentadas; o

segredo dele estava em relacionar os vários campos do conhecimento em geral com o campo da psiquiatria. Um tempo depois, com uma experiência acumulada, Félix participa da criação da Escola Freudiana de Paris junto com Lacan, em 1964.

No ano seguinte Félix cria a Federação de Grupos de Estudo e de Pesquisas Institucionais (FGERI) com o objetivo de converter o trabalho intelectual em um grupo de pesquisa transdisciplinar e não acadêmico. Em torno do projeto se associam professores, urbanistas, arquitetos, economistas, cineastas etc. Para dar maior visibilidade aos trabalhos realizados, o grupo publica a revista *Recherches* em 1966. A revista preconizava as pesquisas que se desenvolviam a partir de práticas sociais e institucionais, fugindo dos estudos puramente conceituais em voga na França. Em junho de 1967, sob a direção de Liane Mozère, a revista *Recherches* deixa de publicar em suas edições mensais assuntos diversificados para centralizar suas análises em temas específicos. Ainda nesse mesmo ano, Félix participa juntamente com Liane Mozère da criação do Centro de Estudos, de Pesquisas e de Formação Institucionais (CERFI), um organismo agregador de grupos autônomos e livres de pesquisadores. A proposta desse grupo de pesquisa era criar uma vida comunitária entre os seus membros. Ao mesmo tempo em que Félix participa da revista *Recherches* e da CERFI, ele colaborava ativamente com a *Oposição de Esquerda* (OG), uma nova organização política, bastante atuante no meio estudantil, e que mantinha um pequeno jornal, o *Bolletín de l'Opposition de Gauche* (BOG). Ainda no ano de 1967, Félix e alguns amigos criaram a *Organização de Solidariedade à Revolução Latino-Americana* (OSARLA).

1967 é também o ano em que Félix se apaixona por uma jovem enfermeira de uma clínica de Marseille, que foi estagiar em *La Borde*, Arlette Donati. Sua ligação com a estagiária leva Félix a romper com sua esposa Nicole Perdreau. Paralelamente à sua vida

com Arlette, Félix se envolve com muitas outras mulheres. A postura de liberação sexual e de questionamento de todas as formas de familiarismos fazia parte, naquele momento, da capacidade de um revolucionário romper com os padrões normativos da sociedade.

Quando os movimentos de contestação estouraram em 68, Félix vê no movimento estudantil o grupo capaz de conduzir a luta social sem ser capturado pelos aparelhos burocráticos. Entusiasmado pelos acontecimentos, Felix vai de Paris a La Borde para convocar toda a equipe e os pacientes da clínica para participarem das manifestações nas ruas parisienses (DOSSE, 2010, p. 148). Sua participação na articulação e no planejamento de algumas ações revolucionárias de Maio de 68 pode ser constatada pela ocupação do *Instituto Pedagógico Nacional* e do *Théâtre de L'Odéon*.

Em junho de 1969, em La Borde, Jean-Pierre Muyard decide apresentar Félix a Gilles Deleuze. Muyard estudara medicina em Lyon no final dos anos 1950. Militante, se torna presidente em 1960 da *Union Nationale des Étudiants de France* (UNEF). Paralelamente à especialização em psiquiatria, faz cursos em sociologia na Faculdade de Letras de Lyon. Seu encontro com Félix ocorre em 1964, por ocasião de um seminário que se realizou em Poissy. Em 1966 é convidado a clinicar em La Borde, onde permanece até 1972. Quando era estudante em Lyon ouvira falar dos cursos de Deleuze com admiração. Em 1967 fica entusiasmado com a publicação de *Sacher-Masoch* e se aproxima de Deleuze, com quem mantém um canal de diálogo sobre o mundo dos psicóticos. O encontro articulado por Muyard entre Félix e Deleuze ocorre em *Saint-Léonard-de-la-Noblat*, em *Limousin*. O encontro é descrito por Muyard como uma sedução mútua e imediata entre os dois pensadores. Após o contato com Deleuze, Félix aproveita para aprofundar sua contestação ao lacanismo e iniciar seu período de grande produção textual. Guattari entra em cena.

Lacan fica sabendo da empreitada mútua de Guattari e Deleuze em escrever um texto sobre psicanálise. Com medo de eventuais críticas, pede a Guattari os manuscritos do livro, que viria a ser publicado em 1972. O pedido de Lacan é rejeitado, porém Guattari procura tranquilizá-lo, explicando algumas noções não relacionadas diretamente às teses lacanianas. O objetivo de Guattari na época não era escrever um texto contra Lacan, mas superar o lacanismo (DOSSE, 2010, p. 158). Um tempo depois, quando Lacan toma conhecimento do caráter devastador da obra em relação às suas teses, o vínculo com Guattari é definitivamente rompido.

O grupo de pesquisa CERFI, no qual Guattari participa como membro permanente, começa, a partir de 1970, a obter vários contratos de pesquisa, sendo o mais importante com o Ministério do Equipamento Francês. Desse ministério, o grupo recebeu grandes verbas para ajudar a identificar as zonas em que o governo poderia intervir para atender melhor às necessidades públicas. A primeira ação do CERFI em 1971 foi realizar para o Ministério do Equipamento uma pesquisa sobre as possibilidades da implantação de um hospital psiquiátrico na cidade de Évry. O sonho de uma pesquisa coletiva remunerada se tornava realidade (DOSSE, 2010, p. 224).

Os princípios esquizoanalíticos desenvolvidos por Guattari são colocados em prática para a integração do grupo. Nas reuniões eram discutidas as pesquisas em curso, e ainda a implicação subjetiva de cada um para com o grupo. Além dessa análise coletiva, as reuniões serviam para esquerdistas de toda Paris exporem seus projetos a procura de financiamento. Em 1973, o grupo está no auge, graças às suas pesquisas que lhes rendem contratos vantajosos e à repercussão dessas mesmas pesquisas publicadas na revista *Recherches*. Entre as edições mais célebres da revista aparece a edição especial sobre os equipamentos coletivos, na qual Deleuze e Foucault são convidados para uma série de

debates em torno da questão. Outra edição que marcou a história da revista foi um número sobre as homossexualidades. Esse número foi lançado em março de 1973 com o título *Três Bilhões de Perversos* e contou com a participação de grandes intelectuais franceses, entre eles: Deleuze, Guattari, Jean Genet, Michel Foucault, Jean-Paul Sartre e Jean-Jacques Lebel. Apesar de contar com o apoio e a participação dos maiores intelectuais franceses da época, o número dedicado às homossexualidades é apreendido pela polícia e o diretor da publicação, Guattari, é processado e condenado a pagar uma multa por ser contra os bons costumes (DOSSE, 2010, p. 228). Aproveitando o bom momento, Guattari publica em 1974, pela editora François Maspero, uma coletânea de ensaios escritos entre o ano de 1955 a 1970, intitulada *Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional*. Um ano depois, com Deleuze publica *Kafka: por uma literatura menor*.

Com a chegada de Valéry Giscard d'Estaing à presidência da república francesa em 1975, o CERFI deixa de contar com os grandes contratos provenientes do Estado. Foi nesse momento que o Ministério dos Equipamentos propôs incorporar alguns pesquisadores do grupo, no entanto a posição tomada foi de recusa. Para fazer frente à falta de recursos, o grupo decide colocar em prática uma política de edição de livros com a criação da coleção *Encres* (Tintas) e a reedição em formato de bolso de alguns números de maior tiragem da revista *Recherches* (DOSSE, 2010, p. 229). A partir desse momento, a revista *Recherches* se transforma em uma casa editorial e a coleção *Encres* publica em 1977: *La Révolution Moléculaire*, de Guattari e *La Force Dehors*, de George Prélím. Dois anos depois é publicado *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise*. De forma geral, desde 1971 até 1977, podem-se agrupar as múltiplas publicações do grupo em três grandes setores, são eles: primeiro, a loucura, pois parte dos membros do grupo tiveram como suporte teórico e prático para o desenvolvimento de suas pesquisas as experiências na clínica La

Borde; segundo, uma vertente das publicações é consagrada aos mundos disciplinares, pois as pesquisas giravam em torno da interrogação sobre o passado e o presente das instituições do Estado em uma abordagem inspirada em Foucault; terceiro, uma parte das publicações foram dedicadas à questão da sexualidade. As abordagens metodológicas utilizadas para essas publicações foram múltiplas (DOSSE, 2010, p. 231).

Discordâncias entre alguns membros do grupo a respeito da extrema esquerda italiana e alemã, atuantes no final dos anos 70, leva o CERFI a uma divisão interna. Em 1981, Guattari se afasta da direção da *Recherches* deixando para Liane Mozère o comando da revista. Depois da reviravolta administrativa, a *Recherches* deixa de ser apresentada como uma revista do CERFI. Publica mais alguns números e encerra suas atividades no início de 1983 (DOSSE, 2010, p. 232).

No ano de 1972 Guattari conhece o francês Sylvère Lotringer, professor da Universidade de Columbia e admirador da obra *O Anti-Édipo*. Em 1974, Lotringer aproveita suas férias em Paris para trabalhar conjuntamente com Guattari no CERFI. Dessa parceria resultará um número da revista sobre Saussure. Influenciado pelos ares parisienses, decide, nesse mesmo ano, criar nos Estados Unidos a revista *Semiotext(e)*. A revista tinha como objetivo divulgar o pensamento de alguns filósofos franceses no meio acadêmico estadunidense, em especial o pensamento deleuzo-guattariano. Em 1975, Lotringer e seu amigo John Rajchman decidem organizar, com uma pequena equipe, um simpósio dedicado à “Esquizocultura” na Universidade de Columbia. Inicialmente, o grupo esperava contar com a participação de alguns intelectuais franceses de renome, entretanto, logo se viram sem recursos financeiros. Para que o problema fosse resolvido, o grupo busca ajuda do responsável pelas missões francesas no exterior, Yves Mabin, que decide ajudar. Resolvido o problema financeiro, o grupo tem a oportunidade de convidar para o simpósio, além de

Guattari e Deleuze, outros grandes intelectuais franceses, como: Jean-François Lyotard, Jean-Jacques Label e Michel Foucault. Dos cinco convidados, apenas Deleuze, avesso às viagens e congressos, não aceita o convite de imediato, ocasionando um novo problema. Mais uma vez Yves Mabin é chamado, não mais para resolver dificuldades de ordem econômica, mas para convencer Deleuze da importância de sua presença no simpósio. Depois de uma longa conversa, Mabin acaba convencendo-o a participar do evento. (DOSSE, 2010, p. 380).

Lotringer, por sua vez, convida alguns intelectuais estadunidenses de renome para participar do simpósio, como é o caso do filósofo e crítico de arte Arthur Danto e o psiquiatra Joel Kovel, além do compositor e teórico musical John Cage, do escritor William Burroughs, do dramaturgo Richard Foreman e da feminista Ti-Grace Atkinson. Confirmada a presença dos palestrantes estadunidenses e franceses, a rádio WBAI, emissora da esquerda nova-iorquina, convida exaustivamente, durante toda a semana que antecede o encontro, a população para fazer parte do evento. Mesmo com o pagamento de quinze dólares para participar do simpósio, uma vasta multidão comparece nas apresentações. A primeira apresentação do grupo francês fica a cargo de Deleuze. Sua estratégia é não utilizar um tradutor, falar bem devagar e usar um quadro para expressar suas ideias. Sua recepção por parte do público é satisfatória. O mesmo não acontece com Guattari e Foucault. Guattari prefere a tradução simultânea e quando começa a desenvolver seu raciocínio ligado a questão do desejo, a feminista Ti-Grace Atkinson e suas companheiras, aos gritos, acusam-no de falocrata. Depois chega a vez de Foucault ser a vítima, quando começa o seu discurso sobre a sexualidade da criança, criticando alguns pontos da Escola de Frankfurt, vê um grupo marxista, o Comitê Sindical Revolucionário Larouche, acusar-lhe de ser pago pela CIA. Muito abalado pelas agressões, Foucault não consegue dormir

bem à noite, mas se prepara para enfrentar as novas ofensas. No dia seguinte, a mesma cena: um provocador o acusa de ser agente da CIA. No mesmo instante Foucault rebate: eu e meus amigos somos todos agentes da CIA, menos o senhor que é um agente da KGB. O sujeito fica quieto, a plateia cai na gargalhada e Foucault continua sua argumentação. Terminado o simpósio, o grupo percebe que os encontros foram importantes para que a obra de Guattari e Deleuze pudesse ser conhecida entre os estadunidenses. A eficiência do encontro pode ser comprovada pelo sucesso que a tradução do livro *O Anti-Édipo*, prefaciado por Foucault⁵, obteve nos Estados Unidos em 1977 (DOSSE, 2010, p. 382).

A viagem para Guattari e Deleuze não termina com o fim do simpósio. Guiados por Jean-Jacques Label, eles percorrem alguns meios alternativos nos Estados Unidos. Primeira parada é Lowell, no estado de Massachusetts, para um show de Bob Dylan e Joan Baez, com a participação do poeta Allen Ginsberg. Em seguida, o pequeno grupo assiste no estado da Califórnia a apresentação da poetisa e musicista Patti Smith. À noite vão à cidade de *San Francisco* para encontrar o poeta Lawrence Ferlinghetti, e em seguida seguem a estrada para visitar a casa do escritor Henry Miller em Big Sur. Depois dos encontros com os poetas e escritores da geração *beat*, Label leva Guattari para conhecer o psicólogo Arthur Jdanov, mais conhecido por ter iniciado John Lennon na “Terapia do Grito Primal”. Nessa viagem, Guattari conhece também uma antiga atriz de teatro francesa, Martine Barrat que o leva para conhecer as gangues do Bronx e do Harlem, onde realiza trabalhos com fotografia e vídeo (DOSSE, 2010, p. 383).

⁵ No prefácio, Michel Foucault apresenta o livro *O Anti-Édipo* como uma introdução à vida não fascista. O texto pode ser lido na página 103 da coleção: Ditos e Escritos, volume VI, intitulada: *Michel Foucault: repensar a política*, publicada pela editora Forense Universitária.

Ainda em 1972, Guattari conhece a brasileira Suely Rolnik, tornando-se analista e amigo desta. Em 1982, convidado pela amiga, Guattari desembarca pela segunda vez no Brasil em meio às campanhas eleitorais para governadores, deputados e vereadores. Participa de várias reuniões, renovando o modo de problematizar as questões colocadas tradicionalmente pelos representantes dos diversos campos sociais, inclusive o educacional. Aproveita o momento de transformações políticas para conversar e entrevistar Lula, o presidente do Partido dos Trabalhadores (PT). Nesse mesmo ano a entrevista é publicada, com o título *Guattari entrevista Lula*, pela editora Brasiliense. Em 1986 é lançado o livro *Micropolítica: cartografias do desejo*, assinado por Suely Rolnik e Félix Guattari. Essa obra é resultado dos registros feitos pela analista dos debates, mesas-redondas, conferências e entrevistas concedidas por Guattari em sua passagem pelo Brasil em 1982. Na última vez que Guattari esteve no Brasil, em maio de 1992, foi organizada uma mesa redonda pela Editora 34 e o colégio Internacional de Estudos Filosóficos no Rio de Janeiro, para o lançamento de seus dois últimos livros, *Caosmose: um novo paradigma estético* e em coautoria com Gilles Deleuze, *O que é a filosofia?* (DOSSE, 2010, p. 396).

Exatamente uma década depois de Maio de 68, Guattari observa irromper na Itália, em meio a uma crise econômica sem precedência na história do país, uma revolução contra os aparelhos de poder do Estado. Porém, não são as reivindicações por melhorias salariais e aumento dos empregos que mobilizaram amplamente o movimento, mas questionamentos ligados às relações de poder, a falta de espaços coletivos de convívio e de lugares autogeridos, etc. Nesse grande caldeirão contestatório se reuniam desde os grupos que faziam uso do terrorismo até aqueles que buscavam por meio de uma nova linguagem e métodos totalmente originais modificar as estruturas políticas e sociais italianas. Foi principalmente nesse segundo grupo que as teses deleuzo-guattarianas, particularmente

aquelas que estavam presentes n' *O Anti-Édipo*, traduzido para o italiano três anos antes, foram colocadas à prova (DOSSE, 2010, p. 238).

Outra obra presente nos agitados anos de protesto na Itália foi *Psicanálise e Transversalidade* de Félix Guattari. Esse livro, em particular, marcou a vida do coordenador da Rádio Comunitária Alice de Bolonha e antigo dirigente do grupo esquerdista *Potere Operaio* (Poder Operário), Franco Berardi (Bifo). Acusado de incitação à revolta, Bifo teve que fugir para a França em 1977. Em Paris é recebido pelo seu amigo e pintor Gianmarco Montesano e pelo filósofo Toni Negri que o leva até Guattari. Em junho desse mesmo ano, Bifo é preso pela polícia francesa e ameaçado de extradição. Um mês depois, é considerado não extraditável e consegue se instalar na França como refugiado político. O local escolhido para morar foi a casa de Guattari, na *Rue Conde*. Dessa amizade nasce o livro prefaciado por Guattari sobre a rádio Alice (DOSSE, 2010, p. 241).

Em setembro de 1977 toda a extrema esquerda italiana se reúne para um grande encontro de três dias na cidade de Bolonha. Bifo passa esses dias se informando ao telefone sobre os principais acontecimentos do encontro. Guattari, por sua vez, estava nas ruas de Bolonha acompanhando tudo de perto. Considerado por muitos como um dos principais inspiradores do esquerdismo italiano, Guattari vê suas teses serem debatidas e colocadas à prova pelos diversos grupos que estavam presentes, desde a ala terrorista à corrente da autonomia operária, passando pelos índios Metropolitanos, pelas feministas, pelos homossexuais, pelas lésbicas vermelhas, etc. Depois da realização do encontro, a imprensa italiana publica a foto de Guattari na capa dos jornais apresentando-o como idealizador do movimento que agitou a cidade de Bolonha (DOSSE, 2010, p. 242).

Alguns meses depois do encontro em Bolonha, Guattari recebe a visita de dois representantes das comunidades alternativas da Alemanha ocidental. O motivo da visita era

buscar apoio internacional para enfrentar a repressão do governo alemão contra os membros dessas comunidades. A situação repressiva havia se instalado por conta do governo alemão acusar alguns membros das comunidades alternativas de envolvimento com o bando de Baader Meinhof.⁶ Guattari decide apoiar o grupo, no entanto não pôde viajar imediatamente para a Alemanha, pois havia se comprometido em visitar no Brasil o líder do Partido dos Trabalhadores, Luis Inácio Lula da Silva. Retornando do Brasil, Guattari vai diretamente para a Alemanha participar das mobilizações esquerdistas (DOSSE, 2010, p. 244).

Acusado por determinados intelectuais europeus de apoiar membros ou simpatizantes dos grupos terroristas na Itália e Alemanha, Guattari parece ter feito, como mostra François Dosse, um trabalho de dissuadir, mais do que condenar, os que nutriam simpatias pelas ações terroristas. Esse posicionamento parece ser comprovado pela aproximação que Guattari teve com os antigos militantes da extrema esquerda italiana. Como é o caso do fundador do grupo *Potere Operaio* (Poder Operário) e da *Autonomia Operaia* (Autonomia Operária) o filósofo Antônio Negri. Negri foge para Paris em setembro de 1977, após ter um mandato de prisão expedido pela justiça italiana. Durante os anos de 1978 e 1979 começa a dividir seu tempo entre França e Itália, e é nesse momento que Negri assiste às aulas de Deleuze sobre Espinosa. Em 1979 é preso pelas autoridades italianas pelo envolvimento no assassinato do líder da Democracia Cristã, Aldo Moro. Após a prisão, Deleuze redige uma carta aos juízes defendendo a inocência de Negri. Mesmo com o apoio de parte dos intelectuais franceses, Negri ficará preso até o final do processo, em 1983, como também será condenado a 30 anos de prisão por constituição de

⁶ O Bando Baader Meinhof, cujo nome oficial era *Rote Armee Fraktion*, foi um grupo de esquerda engajado na luta armada contra o governo da Alemanha ocidental na década de 70.

associação subversiva e de grupo armado. Antes da condenação definitiva, para ajudar o amigo a suportar a prisão, Guattari propõe a Negri em 1982 escrever um livro juntos, mas em junho de 1983 Negri é libertado por ter sido eleito deputado europeu pelo Partido Radical italiano. Vendo sua imunidade parlamentar ser retirada e com medo de voltar à prisão, foge para a Córsega em um navio provavelmente pago por Guattari. Da Córsega segue para Paris, onde finalizará com Guattari o livro *Les Nouveaux Espaces de Liberté* (Novos espaços de liberdade), publicado em 1985. Nesse livro, os autores defendem um novo comunismo como uma via de uma libertação das singularidades individuais e coletivas (DOSSE, 2010, p. 247). Nesse mesmo ano, Guattari publica um conjunto de entrevistas entre ele, Jean Oury e François Tosquelles, intitulada *Pratique de l'institutionnel et politique* pela editora Matrice, de Paris.

Ainda no final dos anos 70, Guattari se envolve na luta pelas rádios livres na França. É a partir desse envolvimento que ele e mais algumas personalidades do meio acadêmico assinam um apelo da *Associação pela Liberdade das Ondas (ALO)* a favor da liberdade de transmissão para as rádios livres. Logo depois, Guattari funda a Federação Nacional das Rádios Livres Não Comerciais e com François Pain criam a Rádio Libre Paris, que se torna em dezembro de 1980 a Rádio Tomate. A emissora transmite, 24 horas por dia, assuntos relacionados ao cinema, música, teatro, além de debates e análises políticas (DOSSE, 2010, p. 249).

De meados dos anos 70 até 1989 Guattari encontra tempo para participar, juntamente com Mony Elkaïm, Robert Castel e Franco Basaglia (1924-1980), da Rede Alternativa à Psiquiatria. Sua participação nesse grupo não significa a adesão completa de Guattari aos posicionamentos da antipsiquiatria italiana de Basaglia, nem seu engajamento na antipsiquiatria inglesa de Ronald Laing e David Cooper, muito menos seu apoio

incondicional à antipsiquiatria alemã do doutor Hubber. O que Guattari procura nesse momento é a constituição de um grupo que combata determinadas práticas psiquiátricas em vários lugares do mundo (DOSSE, 2010, p. 278). Em 1980 ocorre a publicação de *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, obra colossal assinada por Deleuze e Guattari.

Após a eleição de 1981 na França, o presidente eleito François Mitterrand nomeia Jack Lang para ocupar o Ministério da Cultura. Tal notícia é bem recebida por grande parte dos intelectuais franceses, inclusive Guattari, que vê nesse governo uma disposição para transformar profundamente as práticas culturais. Quando Lang é acusado de tentar estatizar a cultura francesa, Guattari escreve um artigo em sua defesa. Aos poucos Guattari ganha espaço e respeito dentro do ministério da cultura e começa a sugerir várias ideias. Entre elas, aquelas que foram propostas no início dos anos 80, como a criação de uma quarta rede de televisão cultural, voltada para a criação e a experimentação e a criação de uma fundação para iniciativas locais que busquem inovações institucionais, pesquisas em ciências sociais e animação. E aquelas que foram propostas no final dos anos 80, como uma exposição universal para 1989, ano do bicentenário da Revolução Francesa, sobre o tema: “Encontro do Quinto Mundo” que iria reunir representantes de minorias étnicas de todo o mundo e a sugestão para a implantação de um colégio internacional de filosofia. Além dessas ideias, Guattari se ocupa do centenário de Kafka e ainda presta alguns serviços discretos, como por exemplo, a elaboração da redação do discurso de Mitterrand sobre a cultura, realizado na Sorbonne. Como agradecimento pelos serviços prestados, Guattari é homenageado pelo ministro Lang com o título de comendador das Artes e das Letras em 1983 (DOSSE, 2010,

p. 314). Foi durante esse período, especificamente em 1985, que Guattari escreveu os textos que ficaram conhecidos como *Os 65 sonhos de Franz Kafka*⁷.

A relação de proximidade de Guattari com o ministério da Cultura não o impede de manifestar suas discordâncias com o governo de Mitterrand. Em 1983, o porta-voz do governo, Max Gallo, se queixa do silêncio dos intelectuais de esquerda que não defendem a política seguida pelo governo. prontamente, Guattari condena esse posicionamento por acreditar que os intelectuais de esquerda não deveriam se erigir em porta-vozes do governo. Um ano depois, Guattari repreende publicamente a atitude do governo em extraditar os nacionalistas bascos do ETA para a Espanha. Ele, Deleuze e François Châtelet, assinam uma carta aberta enviada a François Mitterrand e ao primeiro secretário do Partido Socialista, Lionel Jospin, no jornal *Le Monde* intitulada: “Por um direito de asilo político uno e indivisível” (DOSSE, 2010, p. 315).

Paralelamente às atividades de apoio e crítica ao governo Mitterrand, Guattari encontra tempo para apoiar a causa da Frente Sandinista na Nicarágua contra a ditadura de Somoza e se engajar nos movimentos ecológicos franceses. Do cruzamento da experiência ecológica, com as análises das relações sociais e das subjetividades humanas, Guattari acumula material para a elaboração do livro *As três ecologias*, publicado em 1989. Três anos antes, Guattari publica o livro *Les années d'hiver* (1980-1985), pela editora Bernard Barrault (DOSSE, 2010, p. 319).

Durante a década de 80 Guattari experimenta vários tipos de expressão literária: romances, poesias, peças de teatro, roteiros, confissões, ensaios críticos, etc. Entre essas

⁷ Os Textos foram publicados pela primeira vez, em 2002, no jornal *Le Magazine Littéraire*, com o título *Kafka o rebelde*. Posteriormente em 2007, os textos foram organizados e publicados como livro pela editora Nouvelles éditions Lignes, com o título: *Soixante-cinq rêves de Franz Kafka et autres textes*. No Brasil a editora n-1 utilizou os textos para produzir o livro *Máquina Kafka*.

várias maneiras de se expressar destacam-se: 1) Uma coletânea de poemas de 1986, que acaba não sendo publicada. 2) Uma autobiografia fragmentária intitulada “*Ritornelos*”, de 80 páginas, divididas em dois números e publicadas em 1999 com ilustrações do pintor francês Gérard Fromanger. 3) Duas peças de teatro, a primeira, escrita em 1985, “*Le Maître de Lune*”, não encenada, e a segunda, intitulada “*Sócrates*”, encenada no *Théâtre Ouvert*. 4) Dois textos sobre arte escritos por Guattari, o primeiro de 1980 sobre o afresco intitulado “A noite, o Dia” e o segundo, de 1986, comentando a série “*Cythère, ville nouvelle*”, ambas de Fromanger. 5) Um roteiro de cinema para o amigo, o diretor Robert Kramer, no início dos anos de 1980, batizado de “*Un amour de UIQ*”. Além disso, um texto sobre cinema intitulado “O cinema: uma arte menor” publicado na edição francesa do livro *A revolução molecular*. 6) Um texto sobre enunciação arquitetural, publicado em 1988 (DOSSE, 2010, pp. 350-352).

Frente ao seu destaque como psicanalista, filósofo e militante político de esquerda, no final dos anos 80, Guattari é apontado, por um dos entrevistadores do programa televisivo, “Grandes Entrevistas”, como um intelectual/militante que, a exemplo de Sartre e Foucault, desenvolveu um modo de engajamento político muito particular durante a segunda metade do século XX.⁸ A peculiaridade da obra de Guattari, incluindo suas parcerias com Deleuze, Negri e Rolnik, reside na produção teórica inovadora contida em seus textos e no diálogo crítico com os agentes que utilizam seus conceitos como ferramentas de ação política. As formulações conceituais guattarianas, encontraram aliados em várias partes do mundo, entre eles, revolucionários de extrema-esquerda, membros de

⁸ Entrevista realizada por Antoine Spire, Michel Field e Emmanuel Hirsch durante o programa televisivo “Grandes Entrevistas” da televisão francesa-1989-1990. Publicada nas Éditions de L’AUBE, Paris, 2005.

partidos políticos de esquerda, sindicalistas, professores universitários, feministas, associações de cultura negra, homossexuais, favelados, etc.

Vários acontecimentos, em meados da década de 1980, desestabilizam emocionalmente Guattari. Primeiro perde a locação do castelo de Dhuizion, próximo à clínica La Borde. Em seguida é despejado do apartamento parisiense da Rua Condé. Depois, se envolve em um relacionamento amoroso bastante difícil com uma mulher trinta anos mais nova, Joséphine. Para piorar a situação, perde sua mãe. Somam-se a essas perdas, as dolorosas crises de cólica renal, o clima político de reação na França e o ressurgimento do racismo em sua expressão política com a extrema-direita de Jean-Marie Le Pen. É nesse estado de fragilidade emocional que Guattari e Joséphine se casam em 1986 e vão morar em um excelente apartamento na Rua Saint-Sauveur. Enquanto Guattari se endivida para adquirir o apartamento e custear as múltiplas despesas de sua nova esposa, ela o incomodava com numerosos casos amorosos. Um deles é o relacionamento duradouro com o escritor Jean Rolin, que a homenageia com um livro após sua morte por overdose em 1993 (DOSSE, 2010, p. 347).

Mesmo vendo sua saúde piorar devido aos vários infartos que sofre em 1990, Guattari não se cuida e continua a trabalhar normalmente em La Borde. Para facilitar sua relação com os pacientes e escapar um pouco do contato com Joséphine, Guattari aluga uma casa próxima à clínica e monta um pequeno escritório. Na noite de 29 de agosto de 1992, falece em seu escritório, aos 62 anos de idade. Junto ao seu corpo, sobre a mesa, são encontrados os livros *Les Chiens d'Éros*, de D.H. Lawrence e *Ulisses*, de Joyce em inglês. No enterro, ao som de uma orquestra de jazz, uma multidão de amigos comparece para se despedir daquele que a partir da militância política, da análise e da filosofia fez de sua vida uma obra heterogênea (DOSSE, 2010, p. 403). O anjo de luz de Pierre Muryard se apagou,

mas sua obra continua a irradiar inúmeros agenciamentos revolucionários. Entre os seus diversos livros que foram traduzidos para o português, destacamos:

a) aqueles que foram escritos juntamente com o filósofo francês Gilles Deleuze:

- *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. (*O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.)
- *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Rafael Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977. (*Kafka: para uma literatura menor*. Tradução de Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.)
- *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 4ª reimpressão – 2006.
- *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 3ª reimpressão – 2005.
- *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2ª reimpressão – 2004a.
- *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1ª reimpressão – 2002a.
- *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Volume 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1ª reimpressão – 2002b.
- *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

b) aquele que foi escrito juntamente com a analista brasileira e crítica cultural Suely Rolnik:

- *Micropolítica: cartografias do desejo*. 6ª Edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- c) aqueles que escreveu sozinho.
- *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 12ª Edição, Campinas: Papirus Editora, 2001.
- *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução de Ana de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 2ª reimpressão, 1993.
- *Guattari entrevista Lula*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- *Máquina Kafka*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: n-1 edições, 2011.
- *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise*. Tradução de Constança Marcondes César e Lucy Moreira César. Campinas: Papirus, 1988.
- *Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.
- *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Tradução de Suely Rolnik. 3ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1986.

Entre os livros de Guattari que não foram, até esse momento, traduzidos para o português, destacamos:

- *Cartographies Schizoanalytiques*. Paris: Galilée, 1989.
- *Écrits pour L'Anti-Oedipe*. Paris: Éditions Lignes/Manifeste, 2004.
- *La Philosophie est essentielle à l'existence humaine*. La Tour-d'Aigues: L'Aube, 2002.
- *Les années d'hiver, 1980/1985*. Paris: Bernard Barrault, 1986.
- *Les nouveaux espaces de liberté* (com Toni Negri). Paris: Dominique Bedoux, 1985.
- *Lignes de fuite: pour un autre monde de possibles*. Paris: Éditions de L'aube, 2011.

- *Pratique de l'institutionnel et politique* (entrevistas; com Jean Oury e François Tosquelles). Paris: Matrice, 1985.
- *Ritournelle(s)*. Paris: Éditions de la Pince à Linge, 1999.

Capítulo II: Entrecruzamentos: subjetividade e capitalismo

II.1. Aspectos gerais da formação histórica da subjetividade capitalística

Welcome to the Machine

Pink Floyd

Welcome to the Machine
Welcome my son
Welcome to the Machine
Where have you been?
It's alright we know where you've been
You've been in the pipeline
Filling in time
Provided with toys and scouting for boys
You bought a guitar to punish your
mather
And you didn't like school
And you know you're nobody's fool
So welcome to the machine
Welcome to the machine

Welcome my son
Welcome to the machine
What did you dream?
It's alright we told you what to dream
You dreamed of a big star
He played a mean guitar
And he always ate in the steak bar
And he loved to drive in his Jaguar
So welcome to the Machine⁹

Bem-vindo à Máquina
Bem-vindo meu filho
Bem-vindo à Máquina
Onde você esteve?
Está tudo bem, sabemos onde você esteve
Você esteve no encanamento
Passando o tempo
Oferecendo brinquedos para garotos
escoteiros
Você comprou uma guitarra para castigar
sua mãe
E não gostava da escola
E você sabe que nenhuma pessoa é
profunda
Então, bem-vindo à máquina
Bem-vindo à máquina

Bem-vindo meu filho
Bem-vindo à Máquina
O que você sonhou?
Está tudo bem, nós te dissemos no que
sonhar
Você sonhou com um grande astro
Ele tocava uma guitarra
E sempre comia no bar
E adorava dirigir seu Jaguar
Então, bem-vindo a máquina¹⁰

⁹ FLOYD, Pink. *Wish You Were Here*. Londres: Harvest/EMI, 1975.

¹⁰ Tradução direta e livre da letra da música, *Welcome to the Machine*.

A subjetividade e sua produção não são temas atuais na história da filosofia, vários filósofos já se debruçaram sobre essa problemática. No entanto, tomar a subjetividade contemporânea como uma produção da lógica capitalista, como a nova matéria-prima desse “modo de produção” é algo original de Félix Guattari e Gilles Deleuze. Embora os dois pensadores franceses tenham trabalhado a questão em conjunto, foi Guattari quem se dedicou, até os seus últimos escritos, a dar continuidade às problematizações. Para tanto, desenvolveu uma constelação de conceitos e noções que parecem orbitar em torno de dois conceitos centrais, a saber, o de produção de subjetividade capitalística e o de subjetividade maquínica.

Ao criar o conceito de produção de subjetividade capitalística, acrescentando o sufixo “ístico” à palavra capitalista, Guattari procurava, conforme nos mostra a analista Suely Rolnik, desenvolver um termo que pudesse designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do “terceiro mundo”, do capitalismo “periférico” e ainda das economias ditas socialistas (GUATTARI & ROLNIK, 2000, p. 15). O filósofo procurava agrupar tais sociedades sob a designação de capitalística porque enxergava nelas uma semelhança na maneira de produzir e conduzir a economia e a subjetividade dos indivíduos.

Tais semelhanças ficaram, segundo Guattari, ainda mais evidentes com as mutações políticas e técnico-científicas ocorridas nas últimas duas décadas do século XX. Entre as transformações políticas mais significativas, encontramos o apagamento, quase que completo, no início dos anos 90, de uma subjetividade operária linha-dura que já vinha se desfazendo desde meados do século passado, sobretudo por meio da sociedade de consumo, do *welfare State*, da mídia e também o fim do antagonismo soviético/americano e a

inserção da maior parte dos países do antigo bloco soviético e da China ao mercado capitalista (GUATTARI, 1987, p. 212). Além disso, somam-se as transformações técnico-científicas da terceira revolução industrial, ainda em curso, na qual o aperfeiçoamento da informática, das telecomunicações, da robótica, da química fina, da biotecnologia, etc., provocam mudanças contínuas na economia, na política, na cultura e consequentemente na subjetividade.

Para o autor, as antigas formas de capitalismo sempre se utilizaram do par economia/subjetividade para se reproduzir. Entretanto, as antigas formas de produção de subjetividade capitalística não eram hegemônicas. Havia outras formas de se subjetivar que resistiam à padronização capitalista, como por exemplo, as que ocorriam com as nascentes sociedades socialistas do início do século passado e com as sociedades arcaicas e autóctones em diferentes localidades ao redor do mundo. Foi apenas com o capitalismo mais atual, das três últimas décadas do século XX, que a totalidade das atividades produtivas e das atividades da vida social em todo o planeta se revelou, quase que inteiramente, homogeneizadas. Guattari nomeou esse novo momento histórico de Idade da Informática Planetária ou de Capitalismo Mundial Integrado (CMI).

Porém, para que o processo de subjetivação capitalística pudesse tomar a consistência integracional que apresenta hoje, outros processos de subjetivação, em momentos distintos da história tiveram que se desenvolver. Guattari apresenta, por meio de uma análise das durações históricas de Braudel¹¹, um exemplo simplificado de três

¹¹ Em vez de utilizar referenciais universalistas, Guattari busca desenvolver algumas de suas análises a partir da noção de duração desenvolvida pelo historiador francês Fernand Braudel. A noção de duração (curta, média e longa) é trabalhada por Braudel no livro *História e Ciências Sociais*. BRAUDEL, Fernand. *História das Ciências Sociais*. Tradução: Carlos Braga e Inácia Canelas. Lisboa: Editorial Presença, 1972. Para o historiador francês, ao lado da história factual das "oscilações breves, rápidas, nervosas" do cotidiano e da

processos históricos que estão na base do desenvolvimento da subjetividade operante no capitalismo mundial integrado.¹² São elas: 1) A Idade da Cristandade europeia; 2) A Idade da Desterritorialização Capitalista dos Saberes e das Técnicas; 3) A Idade da Informática Planetária (GUATTARI, 2008, p. 182).

No que diz respeito à primeira idade, Guattari nos informa que ela se ergueu na Europa ocidental sobre as ruínas do Baixo Império e do Império Carolíngio, produzindo uma subjetividade de caráter étnico, nacional e religiosa, chamada pelo pensador francês de subjetividade proto-capitalista. Essa consistência subjetiva, promovida por uma máquina social conhecida como Igreja Católica, possibilitou às populações da Europa ocidental enfrentar o segundo ciclo das invasões bárbaras, as epidemias e as guerras da Baixa Idade Média. Os processos formadores desse tipo de subjetividade eram predominantemente territorializados¹³. Se por um lado a subjetividade se fechava sobre si mesma, ela era obrigada, em alguns momentos, a se abrir para as influências enriquecedoras exercidas pelos diversos povos bárbaros, o Império Bizantino e o Califado de Córdoba (árabe). Esse é um exemplo claro que a subjetividade, mesmo se constituindo a partir de territórios

história conjuntural, caracterizada pelas fases lentas, como as encontradas nas mudanças econômicas e políticas, existe ainda uma história quase imóvel que se interessa pelos fenômenos extremamente longos, como as evoluções das paisagens e a história do homem na sua relação com o meio, etc.

¹² Cada formação histórica é composta, se seguirmos o pensamento de Félix Guattari, por diferentes máquinas técnicas, sociais e abstratas agenciadas aos seres humanos e aos demais seres vivos segundo incontáveis regimes de síntese produtores de subjetividade.

¹³ Segundo Guattari e Rolnik (2000, p. 323) a noção de territorialidade ultrapassa o uso que dela fazem a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos e cognitivos.

existenciais fechados, é capaz de traçar linhas de fuga que lhe permitem a desterritorialização¹⁴. Guattari assinala que as transformações que proporcionaram a constituição de uma subjetividade proto-capitalista, desse período, foram desencadeadas por várias séries de fatores, entre eles:

- 1) A promoção de um monoteísmo que, com o uso, veio se revelar flexível por se adaptar à subjetividade dos diversos povos bárbaros. Com a consolidação dos novos padrões ético-religiosos, os povos cristãos da Europa ocidental acabaram desenvolvendo um processo de subjetivação fundamentada em uma territorialidade de base familiar, consanguínea e crística, como ainda, em menor grau, em uma subjetivação desterritorializada predisposta a uma livre circulação de fluxos de saber, de signos monetários, de figuras estéticas, de tecnologia, de bens, de pessoas etc.
- 2) A máquina religiosa territorializadora, só pôde se instaurar e esquadriñar a subjetividade das populações cristãs porque dispunha de escolas paroquiais, criadas por Carlos Magno e que sobreviveram ao fim do seu império (GUATTARI, 2008, p.183). As mudanças desterritorializadoras começaram a se realizar a partir da proliferação de corporações de ofícios, de guildas, de mosteiros e de ordens religiosas.
- 3) As subjetividades artesanais e urbanas provocaram a generalização do uso do ferro e dos moinhos de energia natural.

¹⁴ O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem.

- 4) O aparecimento de objetos que integram as subjetividades, como por exemplo, os relógios que na cristandade batem a mesma hora canônica e o suporte escritural de músicas religiosas.
- 5) O florescimento demográfico e econômico.

Guattari chama a subjetividade desse período de proto-capitalista porque o sistema de referência geral, Cristão Católico, incorporava os códigos de referência subjetiva dos povos bárbaros, promovendo uma expansão da subjetividade cristã. Ao fazer o movimento de desterritorialização na incorporação de novas referências, a subjetividade cristã se reterritorializava¹⁵. A reterritorialização ocorria como um refreamento dos estímulos de desterritorialização. De uma forma bastante parecida, mas guardando suas diferenças, o capitalismo atual produz em larga escala desterritorializações, mas em seguida, quase sempre as reterritorializa através de seus axiomas centrais.

Para que a segunda idade, chamada por Guattari de desterritorialização capitalista, se afirmasse na Europa ocidental a partir do século XVIII, territórios subjetivos que pareciam inamovíveis tiveram que se desterritorializar, dando espaço para os novos territórios formados pelo Capital. Se, durante a Idade da cristandade europeia, as referências e relações cristãs territorializantes serviam como ponto fundamental para a recomposição territorial das subjetividades que se desterritorializavam, nessa nova idade, as relações capitalizáveis desterritorializantes conduzidas pela burguesia se tornaram responsáveis também pela reterritorialização. Isso significa que os territórios existenciais desterritorializados pelo processo capitalista começaram a se reterritorializar a partir dos valores do próprio capitalismo. Quase nada permaneceu no lugar. Tudo aquilo que havia

¹⁵ A reterritorialização consiste em uma tentativa de recompor um território que passou por um processo de desterritorialização.

escapado ou permanecido longe das garras do cristianismo, acabou, nessa segunda idade, atingido pela subjetividade capitalista. Os fatores que proporcionaram o início de uma padronização da subjetividade capitalista foram:

- 1) A introdução, cada vez maior, do texto impresso nas sociedades ocidentais e a diminuição da comunicação oral permitiram a acumulação e a divulgação de saberes referentes aos valores capitalistas.
- 2) Tanto os espaços tecnológicos, econômicos e urbanos, quanto os espaços terrestres e marítimos foram povoados por equipamentos de aço e máquinas a vapor. As máquinas¹⁶ técnicas capitalistas começam, nesse período, a ganhar espaço na constituição da subjetividade humana.
- 3) A manipulação do tempo produziu um esvaziamento dos seus ritmos naturais. Como exemplo da manipulação do tempo, temos a invenção de máquinas cronométricas que ajudaram no controle e na medição do tempo de trabalho (posteriormente será incorporada ao projeto taylorista) e no desenvolvimento de técnicas econômicas, como a moeda de crédito e o cálculo previsional que permitiram certa virtualidade das relações humanas.
- 4) As descobertas de Pasteur, na área da biologia, ligaram o futuro das espécies vivas ao desenvolvimento das indústrias bioquímicas.

Para Guattari, o homem desse período começava a se encontrar em um posicionamento de dependência em relação às máquinas técnicas, porém a subjetividade humana ainda mantinha certa autonomia em relação a elas. Nesse estágio de

¹⁶ Segundo Suely Rolnik, Guattari compreendia como máquina tudo aquilo que funciona por agregação ou agenciamento. Como por exemplo, as máquinas técnicas, teóricas, sociais, estéticas que estão acopladas aos seres humanos e aos demais seres vivos (GUATTARI & ROLNIK, 2000, p. 320).

desenvolvimento, as máquinas técnicas não eram articuladas de forma integral, por isso não participavam amplamente das composições de agenciamentos ¹⁷ da produção de subjetividade. É devido a esse fator que, mesmo sofrendo um maciço processo de desterritorialização e reterritorialização capitalista, a subjetividade desse período histórico não permitia determinados investimentos territorializantes construídos a partir de referências nacionalistas, étnicas e classistas se desmanchassem com facilidade. (GUATTARI, 2008, 185).

Se as relações de produção de subjetividade na Idade da desterritorialização capitalista conseguia manter certo distanciamento em relação às máquinas técnicas, com o advento da Idade da Informática Planetária, nas últimas três décadas do século XX, as máquinas técnicas se apossaram completamente das relações que compõem a subjetividade humana. A “captura” da subjetividade só foi possível porque ocorreu, nesse momento da história, uma integração em escala global das máquinas técnicas. A hibridação entre as máquinas técnicas e a subjetividade humana, por exemplo, levou a um gradual e crescente apagamento das tradicionais referências laborais, étnicas, religiosas, sexuais, familiares, etc., que modelaram as subjetividades em outras épocas. A Idade da Informática Planetária é por excelência o período de desterritorialização. Algumas características da tomada de consistência desse novo período são:

- 1) A opinião e o gosto coletivo começam a ser trabalhados pela publicidade e a indústria cinematográfica através de dispositivos estatísticos de modelização das

¹⁷ François Zourabichvili (2004, p. 09) mostra que podemos detectar um agenciamento toda vez que identificarmos e descrevermos um acoplamento de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos que colabora para a produção de subjetividade.

subjetividades. Os componentes midiáticos ganham relevância na produção e modelização das subjetividades.

- 2) As matérias-primas naturais vão perdendo sua importância frente aos novos materiais fabricados pela química. O aperfeiçoamento da tecnologia nuclear permite a ampliação dos recursos energéticos.
- 3) Com o desenvolvimento de novos microprocessadores, quantidades enormes de dados e de problemas são tratadas em lapsos de tempos minúsculos. A rede mundial de computadores se torna uma realidade.
- 4) A engenharia biológica desenvolve instrumentos que permitem utilização de organismos vivos para a produção biotecnológica. Tais inovações podem modificar radicalmente as condições de vida no planeta.

Comparando os dois últimos períodos, podemos observar que o crescente processo de desterritorialização, iniciada na fase denominada Idade da Desterritorialização Capitalista, se encontra hoje em um estágio avançado. Os antigos territórios identitários que modelavam a subjetividade ocidental, nas sete primeiras décadas do século XX, estão se modificando. No entanto, no lugar, surge um movimento de reterritorialização para impedir que a desterritorialização possa escapar à lógica burguesa. Entre os processos de reterritorialização, Guattari aponta a culpabilização, a segregação e a infantilização como os procedimentos mais utilizados pelo sistema capitalista para impedir que a desterritorialização escape de seu controle (GUATTARI & ROLNIK, 2000, p. 41).

A culpabilização, neste caso, consiste, segundo Guattari, na ação do indivíduo em propor a si mesmo uma imagem de referência a partir de modelos majoritariamente aceitos para poder se expressar. Imaginemos uma situação em que um indivíduo “A” comece a questionar determinado posicionamento sexista do indivíduo “B”. Mas por meio da

argumentação articulada do indivíduo “B”, do posicionamento social que ele se insere e de referências subjetivas predominantes na sociedade, o indivíduo “A” começa a se indagar: “quem realmente sou eu?”, “por quem e em nome de quem eu digo essas coisas?”, “o que eu digo está correto?” e ainda “será que eu sou um nada e tenho o direito em questionar?”. O próprio direito de existir, de questionar acaba sendo apagado por um sentimento de culpa por não corresponder à imagem idealizada do indivíduo “B”. O que resta para o indivíduo “A”, nessas circunstâncias, e na maior parte das vezes, é a interiorização dos valores majoritariamente aceitos.

A segregação, como nos mostra Guattari, está ligada diretamente a culpabilização. Isso ocorre porque o indivíduo identifica em suas relações determinados sistemas de hierarquia inconsciente, sistemas de escalas de valor e sistemas de disciplinarização. Ao detectar esses quadros, o indivíduo percebe que determinadas funções sociais são valorizadas enquanto alguns processos subjetivos ligados à valorização do desejo e das singularidades são segregados e valorados negativamente.

A infantilização é o resultado da culpabilização e da segregação sofrida pelo indivíduo. Ela corresponde à falta de autonomia do indivíduo, pois ele se encontra, na maior parte das vezes, em uma situação em que pensam, falam e organizam a produção da vida social para ele. Geralmente o Estado, os meios de comunicação e as instituições fazem o papel tutelar. A combinação destas três funções reterritorializantes da subjetividade, permite ao capitalismo operar o movimento de desterritorialização sem se preocupar com qualquer ameaça mais séria para sua reprodução.

Outro exemplo da capacidade do capitalismo em reterritorializar a subjetividade a partir de seus referenciais pode ser encontrado, segundo Guattari, no uso que as classes

dominantes capitalistas fazem da noção de cultura, pois, produz nos indivíduos, ao decorrer da história, uma necessidade de pertencimento a uma determinada cultura.

Guattari nos mostra, que a palavra cultura adquiriu vários sentidos no decorrer da história, sendo os mais marcantes: a) cultura-valor; b) cultura-alma coletiva; c) cultura-mercadoria. O primeiro sentido é muito utilizado na expressão “cultivar o espírito” e corresponde a um julgamento de valor que determina quem tem cultura e quem não tem cultura, como também separa quem pertence aos meios cultos ou incultos. De acordo com Guattari, o significado de cultura-valor se consolidou com a ascensão da burguesia europeia no final do século XVIII, uma vez que a acepção da palavra veio substituir as antigas noções segregativas que a nobreza atribuía à palavra cultura. A partir desse momento a cultura deixa de ser algo adquirido pelo nascimento e passa a ser o resultado de uma trabalhosa busca. A frase que melhor expressa o sentido burguês de cultura é encontrada no final do *Cândido* de Voltaire: cultivem seus jardins (GUATTARI & ROLNIK, 2000, p. 17).

O segundo sentido é sinônimo de civilização e não tem correspondência nenhuma com o sentido anterior, pois não há mais o par ter ou não ter cultura, já que todos que a buscam conseguem obtê-la. Qualquer um pode reivindicar sua identidade cultural, como por exemplo: a cultura indígena, negra, underground, homossexual, etc. É um sentido perigoso atribuído à palavra cultura, uma vez que foi utilizado historicamente de formas variadas, tanto pelo partido nazista, para instrumentalizar a palavra povo, quanto em numerosos movimentos de emancipação, que querem se apropriar de sua “suposta cultura”.

Essa noção pseudocientífica de cultura foi elaborada no final do século XIX, com o desenvolvimento da antropologia cultural. Inúmeros antropólogos desse período acabaram caracterizando as diferentes sociedades que estudavam de sociedades de “alma primitiva”, de “mentalidade primitiva”. Distinções que serviram para categorizar os diferentes modos

de existência a partir dos valores europeus. Na maior parte das vezes, as distinções de valor eram segregacionistas e racistas. Mesmo depois, com as ciências antropológicas conseguindo se livrar do etnocentrismo europeu, elas caíram na armadilha de estabelecer uma espécie de policentrismo cultural, ou seja, uma espécie de multiplicação do etnocentrismo. O problema em criar caricaturas etnocêntricas estava em isolar uma única manifestação cultural de um grupo ou de uma sociedade e opô-la às outras manifestações heterogênicas como a mais significativa. Rapidamente, para cada grupo ou sociedade foi atribuída uma Cultura, “uma alma coletiva” a partir dessa manifestação cultural de maior importância. Para exemplificar esses mecanismos de classificação e categorização da multiplicidade, feita pelas ciências antropológicas às diferentes sociedades humanas, Guattari os compara com os equipamentos coletivos, em especial o escolar. Para ele, os equipamentos coletivos acabam categorizando as ações dos indivíduos e estabelecendo uma hierarquia de valores. Esse processo é visível com as crianças em idade escolar: “Agora é hora de brincar, agora é hora de produzir para a escola, agora é hora de sonhar, e assim por diante” (GUATTARI & ROLNIK, 2000, p. 19). Se, antes de frequentar o equipamento coletivo escolar, a criança articulava todas as dimensões de suas vivências de maneira conjunta, após sua integração ao sistema escolar ela começa a separar, classificar e categorizar hierarquicamente essas vivências. O mesmo ocorre quando atribuímos a uma determinada sociedade um rótulo cultural.

O terceiro sentido corresponde à cultura de massa, a cultura como difusora de mercadorias culturais. Nele já não há julgamento de valor, nem equívocos históricos, como no primeiro e no segundo sentido. Neste terceiro grupo, a cultura é tida como uma mercadoria que está para ser comprada, ela se transforma em objetos semióticos - livros, discos, filmes, sites, programas televisivos, etc. - disponíveis num determinado mercado de

consumo (GUATTARI & ROLNIK, 2000, p. 17). E como tal, na maior parte das vezes, não são avaliadas qualitativamente, mas quantitativamente. Isso significa que a importância dada à mercadoria cultural se concentra nos níveis de consumo alcançados por ela e não em uma análise qualitativa mais abrangente. Essa tendência pode ser comprovada pelo interesse crescente das pessoas em assistir os filmes campeões de bilheteria, em ouvir as músicas mais tocadas, em ler os *best-sellers* e acessar os *sites* mais visitados.

Para Guattari, diferentemente de outros momentos da história, no capitalismo mundial integrado (CMI) os três sentidos da palavra cultura funcionam ao mesmo tempo, produzindo uma cultura com vocação universal. A “universalização” da cultura-mercadoria só é viável porque o CMI opera como uma máquina de exclusão, reivindicação e negociação. No mesmo instante que a cultura funciona como um mecanismo binário de classificação, pois se tem cultura ou não se tem (exclusão), o CMI reivindica outras formas de cultura para o indivíduo (reivindicação) e, em alguns casos, chega até mesmo a permitir que uma cultura alheia ao capitalismo possa ser incorporada por algumas pessoas (negociação). O interesse geral do CMI é produzir nos indivíduos uma necessidade de pertencimento a uma determinada cultura, para que se incorporem completamente ao projeto capitalista (GUATTARI & ROLNIK, 2000, p. 17). A partir desse desejo de pertencimento, a subjetivação capitalística se realiza e o processo de reterritorialização pelos valores capitalistas se completa.

Podemos observar que Guattari buscou traçar, em três momentos distintos da história, os processos de produção de subjetividade que ajudaram a compor o atual quadro subjetivo que estamos inseridos. No primeiro período, denominado por Guattari de Idade da Cristandade europeia, as máquinas técnicas não tinham um papel de destaque no processo subjetivante, pois elas eram apenas proto-máquinas, ou seja, ferramentas que pouco

colaboravam para a produção de subjetividade. O processo subjetivante, na sua grande parte, ficava a cargo das máquinas iniciáticas e retóricas, o que podemos chamar de abstratas, embutidas nas máquinas sociais, como as instituições religiosas, militares e corporativistas que abundavam nessa época (GUATTARI, 2008, p. 178). Como as máquinas técnicas não tinham força suficiente para alterar radicalmente os territórios subjetivos, as máquinas sociais continuavam a operar a territorialização ou a reterritorialização das subjetividades.

No período subsequente, as máquinas abstratas e sociais continuavam a manter o predomínio nos processos de subjetivação, porém já estavam perdendo espaço para as máquinas técnicas, que nesse momento proliferavam em toda Europa e cada vez mais alteravam as relações sociais. A interferência desestabilizadora das máquinas técnicas nas relações sociais acabou produzindo, pelo menos no Ocidente, uma desterritorialização crescente nos universos de referência das pessoas. Ao mesmo tempo em que a desterritorialização ocorria, a sobrecodificação capitalista, em função das exigências globais do sistema se realizava (GUATTARI, 2008, p. 185).

Durante o período da Idade da Informática Planetária, as máquinas técnicas conseguiram ultrapassar o poder subjetivante das máquinas sociais. A partir da integração das máquinas técnicas às máquinas sociais e abstratas, as primeiras conseguiram ganhar um espaço de destaque na produção de subjetividade. A partir desse momento, o processo de desterritorialização e reterritorialização impostas pela máquina capitalista conseguiu penetrar, de alguma maneira, em todas as sociedades do globo terrestre.

Em todas as latitudes e longitudes a subjetivação capitalística passou a se propagar pelas mais diversas máquinas técnicas, sociais e abstratas e, o que é pior, na maior parte das vezes a serviço das classes dominantes mais retrógradas dessas sociedades. A letra da

música *Welcome to the Machine*, composta em 1975, que abre esta parte da dissertação, parece expressar o momento histórico em que vivemos. Por isso, bem vindo à máquina!

II.2. A subjetividade maquínica

II.2.1. As máquinas

No texto *A Paixão das Máquinas*¹⁸, Guattari nos mostra que o tema “máquina” sempre esteve presente em sua vida. Recordando uma apresentação, do tempo de estudante na Sorbonne, em que criticava a obra de Friedmann, *Le Travail em Miettes*, Guattari nos dá provas de sua admiração e de sua preocupação com o tema. Desde essa época, lançava seus ataques contra as visões mecanicistas atribuídas às máquinas. Algum tempo depois, em 1969, quando Guattari toma a palavra diante da plateia da Escola Freudiana de Paris, seu texto *Máquina e estrutura*¹⁹ exprime pela primeira vez em público o conceito de máquina (GUATTARI, 2004b, p. 309). Quando inicia, nessa mesma época, sua parceria com Gilles Deleuze, faz uso de inúmeros conceitos que envolvem a noção de máquina,²⁰ por exemplo, o conceito de máquina de guerra, máquina celibatária, máquina despótica e máquinas desejantes. Décadas depois, quando esteve em São Paulo para uma série de conferências, em uma conversa informal²¹, alguns minutos antes de uma apresentação, sugeriram-lhe gentilmente que evitasse tantos neologismos, pois eles dificultavam a compreensão de sua fala. Guattari respondeu que aquilo que chamavam de neologismos era na verdade uma

¹⁸ O texto se encontra no: Cadernos de Subjetividade/Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Volume I, nº 1, São Paulo, 1993.

¹⁹ O texto, em português, se encontra no livro *Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional*, publicado pela editora: Ideias e Letras em 2004.

²⁰ Como nos diz François Zourabichvili no livro *O vocabulário de Deleuze*: “Os dois pensadores não cessaram de trocar noções que cada um utilizava e compreendia à sua maneira, retrabalhando-as em conjunto no âmbito de um trabalho comum”.

²¹ O texto contendo as informações citadas acima se encontra na página 117, no livro do filósofo Peter Pál Pelbart: *Nau do Tempo-Rei: 7 ensaios sobre o tempo da loucura*. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1993.

maneira de inventar conceitos, e que os conceitos que vinha fabricando, o que ele chamou de suas maquininhas (*mes petits machins*), eram a sua aventura pessoal, e não uma operação de marketing qualquer, muito menos de comunicação.

Desde sua primeira crítica universitária contra as visões mecanicistas atribuídas às máquinas, passando pelo seu texto *Máquina e Estrutura*, percorrendo sua parceria conceitual com Gilles Deleuze e indo até as suas últimas conferências realizadas no Brasil, já na fase final de sua vida, o pensador francês não parou de criar e alimentar o seu fascínio pelas máquinas.

Se prestarmos um pouco de atenção em alguns escritos que Guattari desenvolveu sozinho – *Máquina e Estrutura*, *Caosmose e As três ecologias* –, ou naqueles que escreveu em parceria com Deleuze – *O Anti-Édipo*, *Kafka: por uma literatura menor e Mil Plátos* –, o elo entre todos eles, parece que é dado por meio do conceito de máquina. Conceito que por sua vez não pode ser tomado como metáfora, apesar de se parecer com uma²², mas deve ser usado como um instrumento que possibilita atravessar à gigantesca cortina de ferro ontológica que separa o homem de um lado, os objetos, as máquinas técnicas e os demais seres vivos do outro (GUATTARI, 1993b, p. 41).²³

É contrariando determinadas visões epistemológicas que atribuem aos humanos à exclusividade da ação transformadora e aos animais, aos objetos e às máquinas a inércia, que o pensador francês desenvolveu, ao longo de sua obra, o conceito de máquina. Máquina,

²² François Zourabichivili, na introdução de seu livro *O vocabulário de Deleuze*, nos chama a atenção para o equívoco em tomar por metáforas conceitos filosóficos.

²³ Pierre Lévy (2010, p. 138) em seu livro *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*, utiliza-se dos estudos científicos de Ilya Prigogine e Isabelle Stengers para mostrar que diversas correntes científicas contemporâneas redescobriram uma natureza na qual, seres e coisas, não se encontram separados por uma cortina de ferro ontológica. Guattari utiliza-se dessa passagem para inserir seu conceito de máquina como instrumento unificador entre seres e coisas.

na concepção indicada por Guattari, traz em si a ideia de produção, funcionalidade e associação. Por esse motivo, ele enxerga a necessidade de estendermos a tudo aquilo que não compreendemos comumente como máquina, o sentido de máquina. Tudo que se associa ao homem através de múltiplos maquinismos, como por exemplo, os componentes materiais; os componentes energéticos; os componentes semióticos; os componentes sociais, relativos à pesquisa, à formação; à organização do trabalho; à ergonomia; à circulação e à distribuição de bens e serviços; o corpo humano e seus investimentos de desejo; as informações e representações mentais individuais e coletivas; os animais; as instituições; os textos; os diálogos; as plantas e os mais variados objetos precisam ser conceitualizados propriamente como uma máquina que faz parte da grande máquina capitalística (GUATTARI, 1992, 46).

Mesmo atribuindo a inúmeros componentes que se associa ao homem a condição de máquina, em sua obra, Guattari privilegia apenas alguns grupos de máquinas. Entre os grupos mais trabalhados pelo autor, destacam-se as máquinas técnicas, as sociais e as abstratas. Embora o pensador francês tenha desenvolvido seus textos a partir da perspectiva de que as máquinas são, ao mesmo tempo, técnicas/sociais/abstratas, procuraremos, em diferentes momentos desta dissertação, separá-las em grupos específicos e, em outros, reagrupá-las para uma melhor compreensão do seu funcionamento.

Prosseguindo no esforço de tornar claro o uso que Guattari faz do conceito de máquina, podemos dizer que:

1) Por máquina técnica, compreendemos as máquinas construídas pelo homem (ferramentas, carros, computadores, embarcações, televisores, lápis, tanques de guerra, etc.). As máquinas técnicas, desde suas formas mais simples, se caracterizam como um elemento

não humano, no entanto, transmissor e prolongador da força e da inteligência do homem, permitindo-lhe certa liberação em relação à natureza.

2) Por máquina social, os equipamentos coletivos (escola, hospital, caserna, asilo, igreja, prisão, etc.) que têm os homens como peças e os integra, interioriza-os num modelo institucional que abrange tanto o disciplinamento do corpo, quanto sua subjetivação. Além de formar uma memória sem a qual não haveria sinergia entre o homem e suas máquinas técnicas.

3) Por máquinas abstratas, os mais variados sistemas de signos (línguas, desenhos, leis, músicas, linguagens informacionais, etc.) que atravessam os diversos conjuntos maquínicos permitindo-lhes uma comunicação transversal.

A atribuição de valor de máquina a tudo aquilo que existe e a constatação que essas máquinas mantêm uma relação entre si, evita o surgimento da habitual pergunta: “o que é isso?” e provoca o surgimento de outra questão: “como isso funciona?”. Respostas para essa questão pode nos levar a uma compreensão mais ampla da produção de subjetividade na contemporaneidade.

II.2.2. Ontologia maquínica

Segundo Guattari, em todas as áreas, daquilo que se convencionou chamar de ciências humanas, existe um bestiário histórico acerca das máquinas. Até mesmo na filosofia, a relação do homem com a máquina foi fonte de indagações. O próprio Aristóteles considerava que a *techne* tinha a missão de criar aquilo que a natureza não pode realizar e, desta forma, realizaria uma espécie de mediação criativa entre a natureza e os seres humanos (GUATTARI, 1992, p. 45).

Se voltarmos a atenção à literatura, ao teatro, ao cinema e aos mitos e lendas da Grécia Antiga, constataremos que as máquinas técnicas sempre ocuparam um papel de destaque no imaginário humano. Na história da literatura, elas sempre estiveram presentes. Como, por exemplo, no caso das incríveis máquinas punitivas de Kafka, em especial a que aparece na obra *Na colônia penal*; o balão enquanto máquina de voar em *Volta ao mundo em 80 dias*; a vigilância continua da “teletela”, a máquina na qual o “Grande Irmão Zela por Ti”, descrita em detalhes no romance de George Orwell, *1984*. Nas peças trágicas do teatro grego antigo, com o *Deus Ex Machine*²⁴. No cinema, com o filme *Metropolis* de Fritz Lang, com as máquinas escravizando os operários; com os replicantes do filme *Blade Runner*, verdadeiras máquinas humanas mostradas pelo cineasta Ridley Scott. Na mitologia e nas lendas gregas da antiguidade as máquinas também estão presentes com o grandioso

²⁴ A expressão significa literalmente: Deus surgido da máquina. Era um recurso utilizado no teatro grego como solução de uma trama que aparentemente não tinha solução e que inesperadamente dava um desfecho e sentido para a história. Geralmente um ator era vestido de deus e amarrado em uma espécie de guindaste e baixado até o local onde a peça era realizada.

Cavalo de Troia²⁵, uma máquina de guerra antiga e com a cama de Procrusto, uma máquina de tortura e esquartejamento onde os viajantes eram mutilados e mortos para se adequar às medidas do anfitrião. Para Guattari, as máquinas técnicas sempre povoaram o imaginário humano e a vida cotidiana das pessoas, não como uma alma desencarnada ou como simples aparelhos que os auxiliam, mas como algo que seria da ordem de uma proto-subjetividade (GUATTARI, p. 1996, p. 41).

A proto-subjetividade das máquinas técnicas, segundo o pensador francês, existe porque o objeto técnico não pode ser limitado à sua materialidade. Para que uma máquina técnica possa existir, determinadas relações sociais que sustentam as tecnologias utilizadas em sua fabricação devem ocorrer. Essas relações vão desde o capital financeiro até o capital técnico empregado no desenvolvimento da máquina. A proto-subjetividade seria formada pelos resíduos imateriais que permitiram a produção da máquina e que, de alguma maneira, permanecem encrostados na sua materialidade. O resíduo imaterial ou a proto-subjetividade ou a subjetividade parcial, como também é chamado por Guattari, não passa de uma máquina abstrata acoplada à materialidade da máquina técnica que, por sua vez, permite as máquinas técnicas uma abertura aos mais variados agenciamentos com os seres humanos, os animais e com as outras máquinas (GUATTARI, p. 1996, p. 41).

É nesse cruzamento maquínico que a subjetividade humana entra em contato com a proto-subjetividade da máquina técnica e se modifica a partir das relações estabelecidas²⁶. Em linhas gerais, até este momento, podemos dizer que, a proto-subjetividade maquínica, presente nas máquinas técnicas, são focos de subjetivação não humanos que só se tornam

²⁵ A história de Troia é um trecho da mitologia grega que sobreviveu, com imensa vitalidade, graças ao poema épico de Homero, *Iliada*.

²⁶ A relação estabelecida entre a máquina e a subjetividade humana será explicada nas páginas seguintes.

humanos num segundo momento, ao entrarem em contato com aquilo que chamamos de subjetividade humana (GUATTARI, 1993a, p. 10). Um exemplo, dos fluxos de subjetivação não humanos que passam a ser humanos num segundo momento, pode ser dado a partir de uma simples relação de agregação entre diferentes máquinas e os seres humanos. Um *notebook*, por exemplo, em uma escola, é uma máquina técnica acoplada a uma máquina abstrata, que também está em interação com uma máquina social, uma máquina comercial, uma máquina de formação, etc. O *notebook* está aberto para o exterior e entretém todo tipo de relações com o ambiente maquínico que o circunda, inclusive com as subjetividades humanas que são subjetivadas nessa interação entre máquinas.

A máquina depende sempre de elementos exteriores para poder existir como tal. Implica uma complementariedade não apenas com o homem que a fabrica, a faz funcionar ou a destrói, mas ela própria está em uma relação de alteridade com outras máquinas, atuais ou virtuais, enunciação “não-humana”, diagrama proto-subjetivo (GUATTARI, 1992, pp. 49-50).

Além das relações entre as diferentes máquinas técnicas, abstratas e sociais que compõem a mecosfera²⁷ e os seres humanos, existe entre as próprias máquinas técnicas uma relação de alteridade, pois além de se agenciarem, elas substituem umas as outras no decorrer da história, ora se tornando obsoletas, ora avançadas. Tais movimentos, para Guattari, geram uma espécie de ontologia maquínica (GUATTARI, 1996, p. 42).

²⁷ Em vez de biosfera, Guattari prefere recorrer ao termo mecosfera, utilizado no texto *O inconsciente maquínico e a revolução molecular*, datado de 1977. Por mecosfera o autor pretende expressar a ideia de um ambiente em que as máquinas técnicas, sociais e abstratas se relacionam planetariamente. O termo também é utilizado pelo pensador Pierre Lévy no livro *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*, e guardadas as devidas diferenças, com o mesmo objetivo.

A trama ontológica das máquinas técnicas pode ser mais bem compreendida por meio do conceito de *phylum*²⁸ empregado pelo pensador francês. O *phylum* deixa visível o diagrama das relações ontogenéticas e filogenéticas das máquinas técnicas. No entender de Guattari, os elementos ontogenéticos dizem respeito à reprodução das máquinas, sua vida útil, os erros e os aperfeiçoamentos que as sustentam. Já os elementos filogenéticos procuram mostrar as relações históricas que permitiram o desenvolvimento das máquinas técnicas nas diferentes sociedades humanas. Tanto os elementos ontogenéticos quanto os filogenéticos das máquinas técnicas são desenvolvidos e acumulados, no decorrer da história, a partir dos agenciamentos com outras máquinas, animais e principalmente com os seres humanos (GUATTARI, 1996, p. 41).

É interessante lembrar que as diferenças tecnológicas entre as gerações de máquinas técnicas não se dá de forma exclusivamente linear e cronológica, mas rizomática²⁹. Isso significa que determinados maquinismos que foram utilizados no passado podem ser reapropriados no presente em inovações tecnológicas e, outros ainda, que são considerados ultramodernos, podem cair definitivamente no esquecimento.

As linhas evolutivas se apresentam em rizomas; as datações não são sincrônicas, mas heterocrônicas. Exemplo: a “decolagem” industrial das máquinas a vapor que ocorreu séculos após o império chinês tê-las utilizado como brinquedos de criança (GUATTARI, 1992, p.52).

²⁸ Guattari utiliza o conceito, não só para expressar a relação entre as máquinas técnicas, mas a relação que ocorre entre todas as máquinas que povoam a mecosfera. O conceito é utilizado ainda para agrupar as diferentes máquinas de acordo com sua origem e posicioná-las de acordo com seu tempo histórico.

²⁹ O conceito, neste caso, não exprime uma relação hierárquica e cronológica a partir de um ponto central, mas infinitas conexões descentralizadas e heterocrônicas.

Para desenvolver sua ontologia maquínica, além e aquém das máquinas técnicas, Guattari reformulou dois conceitos desenvolvidos por Umberto Maturana e Francisco Varela. Seu objetivo era encontrar sustentação teórica para pensar as relações entre as diferentes espécies de máquinas. De acordo com Guattari, os pensadores chilenos distinguiram dois tipos de máquinas: as “alopoiéticas” que produzem algo diferente delas mesmas, relacionadas a tudo que não é ser vivo e as “autopoiéticas”, que geram continuamente sua própria organização e seus próprios limites, ou seja, produtoras delas mesmas, consequentemente relacionadas aos seres vivos. Porém, segundo Guattari, ao fazer a distinção entre os dois grupos de máquinas, Maturana e Varela, opõem o conceito de “autopoiese”, exclusivamente relacionadas aos seres vivos biológicos (seres humanos, animais, plantas, insetos, etc), ao conceito de “alopoiese”, relacionada às máquinas sociais e técnicas (relacionada a tudo aquilo que não é um ser vivo). Essa oposição, no entanto, não permite, conforme mostra Guattari, estabelecer uma relação entre os dois grupos de máquinas e derrubar a cortina de ferro ontológica que separa os seres vivos das máquinas.

Seria preciso, portanto, ir além da perspectiva de Maturana e Varela e estabelecer uma ligação entre as máquinas alopoiéticas e autopoiéticas (GUATTARI, 1992, p. 52). A relação ocorreria porque as máquinas alopoiéticas encontram-se na adjacência das máquinas autopoiéticas, produzindo e se modificando conjuntamente.

Parece-me, entretanto, que a autopoiese mereceria ser repensada em função de entidades evolutivas, coletivas e que mantêm diversos tipos de relações de alteridade, ao invés de estarem implacavelmente encerradas nelas mesmas. Assim as instituições como as máquinas técnicas que, aparentemente, derivam da alopoeise, considerada no quadro dos

agenciamentos maquínicos que elas constituem com os seres humanos, tornam-se autopoieticas *ipso facto* (GUATTARI, 1992, p.52).

Para Guattari as máquinas alopoiéticas, por estarem presentes no dia-a-dia dos seres humanos e de outros seres vivos (máquinas autopoieticas), detêm um poder transformador na gigantesca rede de relações que permeia o grupo autopoietico, ao mesmo tempo em que são transformadas pelas relações que ajudaram a produzir. Em alguns casos, como o das máquinas técnicas, as transformações são rápidas, em poucos meses ou anos são visíveis às mudanças, já em outros, como é o caso das máquinas sociais, são necessários, na maior parte das vezes, décadas ou até mesmo séculos para verificar alguma transformação significativa.

Uma vez estabelecido que a fusão entre os conceitos de máquina alopoiéticas e autopoieticas, agrupa os seres humanos, os animais e todas as máquinas abstratas, sociais e técnicas como autopoieticas, podemos dizer que o objetivo de Guattari, em elaborar uma ferramenta teórica capaz de cortar a cortina de ferro ontológica que separa o ser das coisas, foi alcançado, pois, permite mostrar que, o homem é uma máquina que forma com outras inúmeras máquinas uma engrenagem que coloca em funcionamento a gigantesca máquina capitalística.

II.2.3. A subjetividade maquínica: capitalística e/ou singular

Mesmo compreendendo a funcionalidade das máquinas autopoieticas, uma questão ainda perdura a respeito delas: se todas as máquinas são autoprodutoras, como ocorre sua reprodutibilidade? O processo de reprodutibilidade das máquinas autopoieticas se dá pela fusão e transformação dos fluxos maquínicos em agenciamentos coletivos de enunciação que também são agenciamentos maquínicos de desejo ³⁰. A subjetividade humana compartilha os fluxos maquínicos, da relação que mantém com uma série de máquinas, e os transforma em agenciamentos coletivos de enunciação que, de certa forma, acaba se acoplando ao processo de autoprodução das máquinas.

O sujeito e a máquina são indissociáveis um do outro. Entra uma parte de subjetividade no seio de todo agenciamento material. E, reciprocamente, entra uma parte de sujeição maquínica no seio de todo agenciamento subjetivo (GUATTARI, 1988, p. 155).

O movimento maquínico permite aos territórios subjetivos humanos, aos seres vivos e as diferentes máquinas, o movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

(...) Se desconstruirmos um martelo, retirando-lhe seu cabo: é sempre um martelo, mas em estado “mutilado” A “cabeça” do martelo – outra metáfora zoomórfica – pode ser reduzida por fusão. Ela transporá então um limiar de consistência formal onde perderá sua forma; esta gestalt maquínica opera, aliás, tanto em um plano tecnológico quanto em um nível imaginário (quando se evoca, por exemplo, a lembrança obsoleta da foice e do martelo). Consequentemente, estamos apenas diante de uma

massa metálica devolvida ao alisamento, a desterritorialização, que precede sua entrada numa forma maquínica (GUATTARI, 1992, p.47).

No exemplo acima, ficam visíveis os inúmeros agenciamentos coletivos de enunciação sendo ativados pelo martelo à medida que um movimento de desterritorialização o afeta. Nesse caso, os agenciamentos realizados pela subjetividade humana começam a se acoplar a partir do momento em que o martelo é desmantelado e sua cabeça encaminhada para a fundição. Depois desse instante, uma lembrança zoomórfica despertada pela cabeça do martelo, por se parecer com uma cabeça de um animal com chifres, se associa à forma do martelo e da foice, por se tratar de ferramentas clássicas de trabalho e, em seguida, se associa a nova forma que a massa metálica ganhará depois da desterritorialização provocada pela fundição.

Se deixarmos de lado o tranquilo exemplo da cabeça do martelo, encontraremos, na realidade social, a subjetividade humana mergulhada em múltiplos fluxos maquínicos que se fundem em agenciamentos coletivos de enunciação e/ou agenciamentos maquínicos de desejo produtores de territórios existenciais. Mesmo que os processos de agenciamento sejam infinitamente numerosos, eles acabam, na maior parte das vezes, se constituindo como agenciamentos relativamente estáveis e reprodutores das relações dominantes³¹ do capitalismo.

No esforço de pensar os agenciamentos coletivos de enunciação no capitalismo contemporâneo, Guattari desenvolveu uma analítica da produção de subjetividade, mais conhecida como micropolítica. A análise micropolítica procura compreender o modo como se cruzam, nas diferentes relações do vivido, os planos molares e moleculares, e como os

³¹ Isso, contudo, não significa que a produção de subjetividade capitalística, em várias partes do mundo, seja uniforme, ao contrário, ela se diferencia por causa das exigências locais e específicas de produção e consumo.

agenciamentos se comportam entre os dois planos. O objetivo geral proposto pelo pensador francês é entender como são produzidos e reproduzidos (ou não) os modos de subjetivação dominantes (GUATTARI & ROLNIK, 2000, p. 133).

Dissemos anteriormente que o agenciamento coletivo de enunciação advém das relações produtoras dos fluxos maquínicos, no entanto não mostramos que essas relações se desenvolvem transversalmente no plano molar e molecular constitutivos da textura social. De forma simplificada, podemos dizer que o plano molar se refere à realidade constituída, lugar de excelência das relações concretas entre as diferentes máquinas produtoras e reprodutoras das relações sociais, e que o plano molecular indica o modo como os agenciamentos coletivos de enunciação, através de inúmeras conexões, fundem os fluxos maquínicos produzidos nas relações molares para formar uma realidade em vias de se constituir (territorialização e/ou reterritorialização) ou em vias de se desmanchar (desterritorialização) (GUATTARI & ROLNIK, 2000, p. 321).

Não podemos entender os planos, como uma dualidade escalonar, do qual o molecular corresponderia ao microssocial e o molar ao macrossocial, mas como texturas formadoras da realidade. O entrecruzamento dos planos e seus agenciamentos poderiam, contudo, levar a subjetividade humana a operar de formas diferenciadas, ora se territorializando a partir de modelos predominantemente reacionários ou emancipatórios do plano molecular, ora por modelos emancipatórios ou reacionários do plano molecular. Para o pensador francês, uma mesma pessoa ou instituição poderia operar nos dois planos de formas distintas. Nos dizeres de Guattari:

Assim, por exemplo, um grupo de trabalho comunitário pode ter uma ação nitidamente emancipadora a nível molar, mas a nível molecular ter toda uma série de mecanismos de liderança falocrática,

reacionária, etc. Isso, por exemplo, pode ocorrer com a igreja. Ou, o inverso: ela pode se mostrar reacionária, conservadora, a nível das estruturas visíveis de representação social, a nível do discurso tal como ele se articula no plano político, religioso, etc., ou seja, a nível molar. E, ao mesmo tempo a nível molecular, podem aparecer componentes de expressão de desejo, de expressão de singularidade, que não conduzem, de maneira alguma, a uma política reacionária e de conformismo (GUATTARI & ROLNIK, 2000, p. 133).

Por entender que as relações de agenciamento entre meios heterogêneos faz proliferar, a partir dos planos molares e moleculares, universos existenciais subjetivos, Guattari classificou a subjetividade humana de maquínica e a diferenciou da concepção clássica de subjetividade. Diferentemente de alguns postulados que pensam a subjetividade apenas como resultado da relação entre indivíduos, Guattari foi além e compreendeu a subjetividade humana como o resultado de uma produção coletiva que envolve não só humanos, mas também animais, máquinas, tecnologias, instituições, linguagens, etc.

O posicionamento de Guattari frente à produção de subjetividade reflete, ainda, a sua visão de subjetividade: (...) múltiplos estratos heterogêneos de subjetivações que se superpõem e se relacionam uns com os outros, alguns de extensão e de consistência maiores ou menores (GUATTARI, 1992, p. 23). E completa mostrando que tais estratos não conservam relações hierárquicas, obrigatórias e fixas.

Pode acontecer, por exemplo, que a semiotização econômica torna-se dependente de fatores psicológicos coletivos, o que é possível constatar com a sensibilidade das bolsas de valores diante das flutuações da opinião. (...) E ela não conhece instância dominante de determinação comandando

outras instâncias segundo uma causalidade unívoca (GUATTARI, 1990, p. 03).

Segundo Guattari, desde Descartes a subjetividade sempre foi relacionada a uma identidade individual. No entanto, para ele, a subjetividade é produzida coletivamente, não como resultado da somatória de todas as subjetividades individuais, mas a partir de agenciamentos coletivos de enunciação que se individualizam³², ou seja, se acoplam a um indivíduo fazendo parte de sua subjetividade. Uma coisa é a individuação da subjetividade, outra é a instalação de processos de individualização. A individuação não é necessariamente um processo de individualização, pois nela pode nascer processos de singularização, por outro lado, a individualização, nasce da individuação, mas a partir de processos que levam os seres humanos a se organizar segundo padrões dominantes que os serializam e os individualizam (GUATTARI & ROLNIK, 2000. p. 38).

Os agenciamentos que formam os universos existenciais que se individualizam, podem oscilar entre o extremo capitalístico e o extremo singular.³³ No primeiro caso, a subjetividade individualizada reproduz os agenciamentos dominantes, tal como os recebe do plano molar ou molecular. Nesse primeiro modo, a subjetividade é tida como uma instância fixa, particular, criadora de uma identidade compatível com os valores dominantes do capitalismo. Em vez de o indivíduo vivenciar outras maneiras de existir, ele acaba permanecendo preso durante toda sua vida ao mesmo quadro de referência – político,

³² Guattari nos oferece três exemplos de individuação do corpo: primeiro, porque somos indivíduos comprometidos com processos de nutrição e sobrevivência. Segundo, porque somos algo referenciável dentro de uma divisão sexual, ou somos heterossexuais ou homossexuais ou bissexuais, etc. Terceiro, porque somos coagidos a assumir, dentro das relações socioeconômicas, uma determinada classe social (GUATTARI & ROLNIK, 2000, p. 38).

³³ Independentemente da classe social do indivíduo, a subjetividade pode operar a partir de referências singularizantes e/ou capitalísticas.

sexual, territorial, linguístico, intelectual, classista, etc. – que o identifica e o classifica socialmente (GUATTARI & ROLNIK, 2000, pp. 68-69).

Já no segundo caso, a subjetividade individuada se apropria dos valores de criação e expressão contidos nos agenciamentos heterogêneos, produzindo sua singularização. A singularização seria um processo de rompimento com os valores capitalísticos, um movimento que levaria o indivíduo a desestruturar os referenciais dominantes territorializantes e reterritorializantes cristalizados em sua subjetividade. Tal rompimento levaria a outras maneiras de existir, de sentir, de perceber e de se relacionar coletivamente. Nesse sentido a singularização se tornaria uma força de resistência política, um ato revolucionário molecular que, se somadas a outras ações micropolíticas, poderia levar a uma revolução molecular de grande porte.

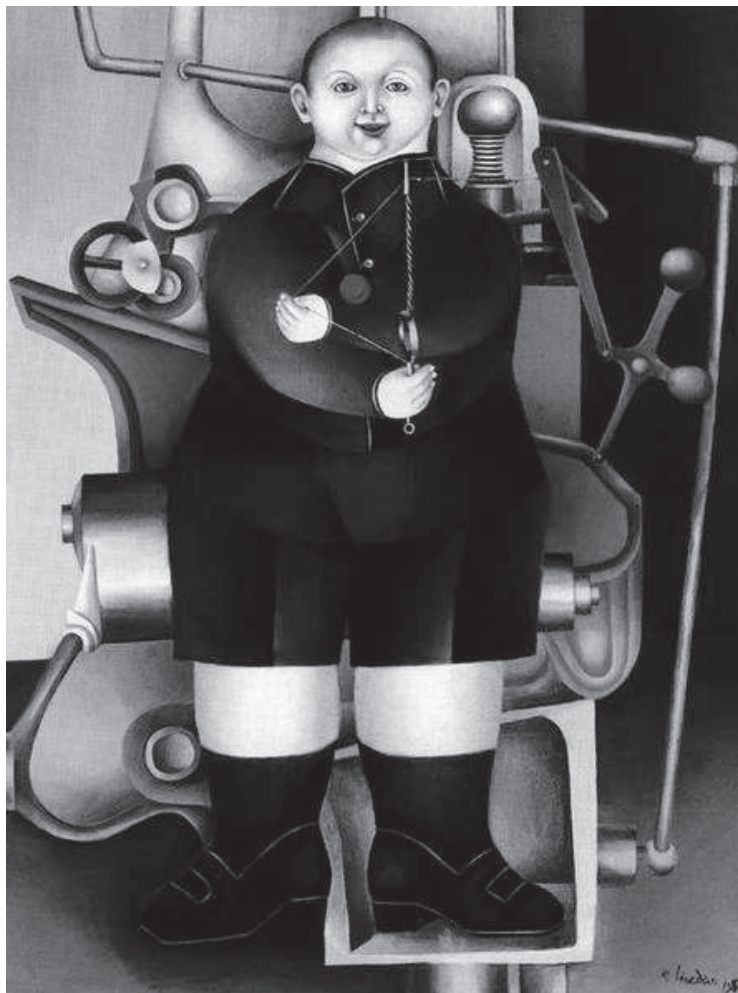
Apesar do processo de singularização parecer a melhor opção para os indivíduos viverem coletivamente, por que ele não se realiza com maior frequência? O que impede as subjetividades de se singularizarem? A singularização não ocorre facilmente porque o plano molar e molecular depende de uma revolução molecular, ou seja, de uma mudança radical no modo como as diferentes máquinas organizam seus fluxos e como esses fluxos são agenciados coletivamente. Segundo Guattari, o processo de singularização só atingiria o patamar de uma revolução molecular à medida que inúmeras máquinas locais, presentes no cotidiano dos indivíduos, levasse até as últimas consequências os processos de desterritorialização dos modelos existenciais dominantes. Porém, deveríamos tomar cuidado, pois a revolução molecular, como forma radical de desterritorialização, poderia ocorrer de uma forma reacionária: “não foi uma revolução molecular que precedeu o advento do Nacional-Socialismo na Alemanha” (GUATTARI, 1987, p. 213).

A revolução molecular só alcançaria um resultado emancipador, desde que tivesse a capacidade de articular os agenciamentos coletivos de enunciação explicitamente revolucionários, poderíamos dizer antifascistas³⁴ do plano molecular, com as lutas molares de interesse social.

³⁴ Para Guattari as ações fascistas não dizem respeito apenas aos imperialismos molares, mas também às atitudes fascistas de nossos próprios aliados, de nós mesmos (GUATTARI & ROLNIK, 2000, p. 48).

Capítulo III: Entrecruzamentos: subjetividade, capitalismo e educação

III.1. O estudante e as máquinas



No quadro intitulado, *Boy With Machine*³⁵ (Menino com máquina) do pintor germano-estadunidense Richard Lindner, temos uma criança operando uma pequena máquina ao mesmo tempo em que faz funcionar outras máquinas.

35 Richard Lindner, *Boy With Machine*, 1954, óleo sobre tela, 102 x 76 cm. A reprodução da imagem pode ser encontrada na décima nona página do livro: *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Escrito por Félix Guattari e Gilles Deleuze. 1ª Edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

Nada mais sugestivo do que um quadro de um menino em idade escolar e suas máquinas, para ilustrar a relação entre a gigantesca máquina³⁶ (máquina capitalística), a máquina maior (instituição escolar ou equipamento coletivo de subjetivação)³⁷, a pequena máquina (máquina técnica) e o estudante (subjetividade maquinica) em um processo de agenciamento coletivo de enunciação. A imagem pintada na década de 1950 sugere a desconstrução da ideia de que todas as unidades presentes na realidade são independentes. Para tanto, o autor deixou visível os diferentes acoplamentos entre as máquinas. É possível enxergar a ligação entre o finíssimo fio que sai da pequena máquina que o garoto segura em suas mãos e as engrenagens das outras máquinas, como também é visível a conexão entre as tubulações, os pistões e a perna do menino. Quando as máquinas parecem funcionar isoladamente, sem qualquer ligação, temos, na verdade, uma gigantesca engrenagem formada por máquinas que fazem funcionar a máquina capitalística.

A partir da leitura da imagem, alguns questionamentos surgem: Por que o menino brinca com uma pequena máquina, enquanto faz funcionar uma máquina maior que é ligada a uma gigantesca máquina? Ou ainda: Por que a instituição escolar (máquina maior) necessita de pequenas máquinas (subjetividade maquinica e máquina técnica) acopladas ao seu funcionamento? Se todas as máquinas são interligadas, o que se produz preponderantemente a partir dessa relação?

36 A gigantesca máquina a qual nos referimos diz respeito à imagem de máquina que fica no quarto plano da imagem, atrás da máquina maior movimentada pelo menino.

37 No texto, *Devir criança, malandro, bicha*, que faz parte do livro *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*, Félix Guattari adapta o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado, do filósofo Louis Althusser, acrescentando a esse conceito o componente maquinico. A preocupação do pensador francês, portanto, não estava em superar ou negar o conceito utilizado por Althusser, mas em ampliá-lo. Dessa forma, cunhou o termo: equipamento coletivo de subjetivação.

Pensar as relações sugeridas pela imagem, a partir dos referenciais teóricos de Guattari apresentados nos capítulos anteriores, nos levará a problematizar o papel da instituição escolar de ensino básico no Brasil – não importando, neste contexto, se ela é pública ou privada, de qualidade comprovada ou duvidosa, de cunho religioso ou laico, dessa ou daquela pedagogia – no processo de subjetivação dos indivíduos na atualidade.

III.1.1. Topografia da máquina escolar

Com o passar dos séculos, o sistema capitalista assumiu novas formas de se reproduzir, sendo a atual configuração a que, até este momento, melhor hegemonizou seus valores. O capitalismo mundial integrado, apesar de funcionar desde o início dos anos 60, só veio a ganhar contornos mais acentuados a partir de 1989, com a queda do muro de Berlim, o desmoronamento do comunismo soviético e o fim da guerra fria. Nos próprios dizeres de Guattari:

O capitalismo é mundial e integrado porque potencialmente colonizou o conjunto do planeta, porque atualmente vive em simbiose com os países que historicamente pareciam ter escapado dele (os países do bloco soviético, a China) e porque tende a fazer com que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique fora de seu controle (GUATTARRI, 1987, p.211).

A nova configuração do sistema capitalista, segundo Guattari, conseguiu controlar e organizar produtivamente não só as atividades econômicas tradicionais, mas também as que formalmente escapavam da definição econômica de trabalho, como, por exemplo, a maioria das atividades não assalariadas. Essa hegemonização só foi possível quando uma série de máquinas sociais, aquilo que Guattari nomeou de equipamentos coletivos (a escola, a igreja, a família, as corporações midiáticas, os partidos políticos, as empresas, os sindicatos, centros de saúde, etc.) e inúmeras máquinas técnicas (os rádios, os computadores, os televisores, os carros, os celulares, etc.), articuladas pelas máquinas abstratas (as línguas, as leis, as músicas, as linguagens informacionais, etc.), passaram a trabalhar a aproximação do campo não produtivo de algumas máquinas sociais com o produtivo de outras máquinas

sociais, transformando o primeiro campo em sua extensão capitalizada. Em seu livro, *Revolução Molecular*, Guattari afirma que a noção de empresa capitalista deveria se estender aos equipamentos coletivos não produtivos³⁸, e a de posto de trabalho, à maioria das atividades não assalariadas.

De certa maneira, a dona-de-casa ocupa um posto de trabalho em seu domicílio; a criança ocupa um posto de trabalho na escola, o consumidor no supermercado, o telespectador diante de seu vídeo... Quando as máquinas parecem trabalhar sozinhas, na verdade o conjunto da sociedade é adjacente a elas (GUATTARI, 1987, p.199).

O capitalismo em sua ânsia de se reproduzir busca fazer com que todos os setores não produtivos da sociedade tornem-se adjacentes ao setor produtivo e que de certo modo possam também produzir. A máquina social escolar brasileira de ensino básico, enquanto instituição não produtiva foi, a partir das últimas três décadas do século XX, se transformando em uma espécie de empresa capitalista. Não apenas por preparar exclusivamente os estudantes para o ciclo de produção de bens e serviços como futuros trabalhadores e consumidores, mas, sobretudo, por produzir nesses jovens determinadas maneiras de sentir, de pensar, de se comportar, de desejar, de falar e de se relacionar uns com os outros, pautados nos valores capitalísticos. Um estudante, ao concluir o ensino básico, neste contexto, estará apto a prosseguir de um equipamento coletivo a outro, pois seus agenciamentos coletivos, aquilo que emerge como território existencial, se relacionará, sem muito esforço, as necessidades de funcionamento de outros equipamentos coletivos

³⁸ A designação de equipamento coletivo não produtivo corresponde à noção de uma instituição que não tem como objetivo principal produzir bens de consumo ou valores monetários.

reprodutores do sistema capitalista. Esse processo pode ser caracterizado como um assujeitamento dos agenciamentos coletivos de enunciação à axiomática capitalista.

Para Guattari, a transformação de setores não produtivos em produtivos era um antigo sonho histórico da burguesia para manter o controle sobre a produção de subjetividade. Controlar a produção de subjetividade e estimular sua produção por meio de uma série de máquinas sociais, técnicas e abstratas, assegurou à burguesia, enquanto classe social, a manutenção de seus privilégios até os dias atuais.

Caso a hipótese sugerida por Guattari faça sentido e os equipamentos coletivos, como é o caso da instituição escolar de ensino básico, se caracterize como uma espécie de empresa capitalista com postos de trabalho não assalariados destinados à produção de subjetividade, a seguinte pergunta surge: como a subjetividade capitalística é produzida nessa instituição?

As instituições escolares produzem a subjetividade capitalística, reproduzindo em seu interior os comportamentos de submissão às hierarquias e os individualismos de todas as ordens. Enquanto equipamento coletivo, historicamente a instituição escolar ajudou a assegurar desde o final do século XVIII, quando se tornou obrigatória em alguns países da Europa, a manutenção do sistema capitalista, reproduzindo e fixando no corpo e na subjetividade, dos estudantes e de seus demais funcionários, relações hierárquicas típicas das relações encontradas fora dos muros da escola. As táticas, desde então, de produção e reprodução das subjetvidades capitalistas, podem ser observadas se prestarmos atenção nas ações pedagógicas, nas relações hierárquicas e nas punições empregadas nessa instituição. Eis alguns exemplos de como isso ocorre atualmente em inúmeras instituições escolares brasileiras de ensino básico:

A maior parte das ações pedagógicas destinadas à prática docente é imposta de cima para baixo por uma regra ou lei (máquina abstrata), cabendo ao professor incorporá-las se não quiser ser punido. Entre as inúmeras leis e regras pedagógicas destacamos aquelas que: determinam os conteúdos que devem ser ensinados; estabelecem uma organização estanque dos conteúdos curriculares, sem qualquer interconexão entre os saberes; impõem aos professores a retenção dos estudantes por falta de assiduidade; fixam um número elevado de estudantes por sala; obrigam o professor a classificar os estudantes por meio de exames.

As relações hierárquicas estabelecidas na instituição escolar seguem um modelo vertical de organização, pois o cumprimento das leis e das regras formulados pelo Estado é fiscalizado oficialmente por um superior imediato. No caso dos professores e dos outros funcionários, os coordenadores e diretores cumprem essa função, no caso dos estudantes é primeiro o professor e depois o diretor que exercem esse papel diretamente.

As punições empregadas na instituição escolar, destinadas aos estudantes e aos funcionários podem ser variadas: indo das punições oficiais, legais, às não oficiais. Entre as punições oficiais direcionadas aos estudantes, destacamos: os sermões do diretor (a) ao estudante na presença dos seus pais, as clássicas suspensões das aulas para o estudante “transgressor” e, em casos mais graves, a transferência compulsória do estudante (a antiga expulsão). Dentre as punições não oficiais direcionadas aos estudantes, destacamos: a não pontuação do aluno, impedindo que ele alcance a nota ou conceito máximo em determinada disciplina; ser colocado pelo professor para fora da sala de aula; a obrigatoriedade da permanência do estudante na sala sem frequentar atividades recreativas oferecidas pela escola. Entre as punições oficiais direcionadas aos funcionários, destacamos: o não pagamento de bônus e premiações para os funcionários das escolas que não atingirem os índices oficiais estipulados pelo Estado, a não concessão de férias prêmio; diretamente

relacionado com o professor temos a perda de pontuação para a atribuição de aulas, a demissão, no caso de instituições particulares, e aos outros funcionários a perda de pontos que possibilitariam, caso fosse necessário, uma remoção de unidade, como ainda, no caso de instituições privadas, sua demissão. Já entre as punições não oficiais direcionadas aos funcionários, temos: a perseguição explícita e implícita, que vai desde a não adequação de um horário ao rigor demasiado grande na cobrança das atividades prestadas. Os exemplos poderiam ser estendidos, mas o nosso objetivo, neste momento, não é catalogar o oficial e o não oficial (podemos chamar de oficioso) cotidiano de uma instituição escolar e sim, estabelecer uma rápida topografia das relações institucionais tão bem conhecidas por todos que vivenciam o seu dia-a-dia.

A topografia realizada em nossa dissertação é uma espécie de descrição de superfície que não relata o que seria a essência de uma instituição escolar brasileira nos dias atuais, com seus erros e acertos, nem tampouco estabelece uma possível solução em forma de modelo pedagógico a ser seguida, mas em contrapartida, procura descrever o funcionamento das relações que alimentam a subjetivação capitalística nas instituições escolares de ensino básico de todo o país.

Ao mesmo tempo em que a instituição escolar faz uso de uma espécie de “repressão”, ela consegue estimular positivamente as pessoas que vivenciam cotidianamente suas regras. Não é sem motivo que a instituição escolar faz uso de um jogo binário de negatividades e positividades sobre os indivíduos – pune e recompensa; desclassifica e classifica; condena e absolve; desprestigia e prestigia, deslegitima e legitima; invisibiliza e visibiliza; etc. – para reproduzir o sistema e consequentemente a subjetividade capitalística.

Além das relações molares que constroem o cotidiano capitalístico de uma instituição escolar, existem ainda as relações moleculares³⁹. Se problematizarmos, a partir da leitura micropolítica de Guattari, as ações pedagógicas, como aquelas que obrigam o professor a ministrar conteúdos de ensino previamente selecionados, o que importa, nesse caso, não é o que é ensinado, mas como o conteúdo é passado para os estudantes. Um professor que estabelece com os estudantes uma relação autoritária para ensinar, baseada na obediência e medo dos superiores, estará ajudando a reproduzir agenciamentos coletivos de enunciação (moleculares e molares) majoritariamente presentes na sociedade capitalista. Da mesma forma, se invertermos a relação autoritária, e a maior parte dos estudantes, no caso, pré-adolescentes e adolescentes, imporem ao professor de forma autoritária o apagamento de sua fala e a não aceitação de um diálogo em detrimento de assuntos de importância exclusiva deles, teremos, nessas circunstâncias, a reprodução de agenciamentos capitalísticos. Não podemos esquecer que cotidianamente, além dos muros da instituição escolar, o estudante está em relação com inúmeros maquinismos que o levam a agir, na maior parte das vezes, como um reproduzidor das relações dominantes.

A instituição escolar, nesse caso, se torna um local de iniciação ao modo de vida capitalista, pois ajuda a promover a laminação das subjetividades dos estudantes e de todos os indivíduos que circulam pelo seu espaço. É urgente, portanto, frente à afirmativa que a instituição escolar é um equipamento coletivo de produção de subjetividade capitalístico, pensarmos em diferentes processos educativos que proporcionem a singularização.

39 As relações moleculares precisam do molar para acontecer, mas o molar sem as relações moleculares singularizantes, sempre se atualizará no modelo majoritário.

Considerações finais

Passados quase 22 anos de sua morte, a vitalidade da obra de Félix Guattari, ainda impressiona por conciliar vários campos do conhecimento de forma transversal. Filosofia, psicanálise, linguística, literatura, economia e política, por exemplo, se relacionam, a todo o momento, em seus escritos. Contudo a questão presente, que atravessa todo o seu trabalho, desde seus primeiros escritos até seus últimos livros, sempre foi à questão da produção da subjetividade. Talvez, a insistência em abordar essa problemática, se desse pela vinculação de seu pensamento a uma tradição filosófica que permeou as pesquisas de inúmeros intelectuais desde Kant e que na época de Guattari constituía uma pergunta da qual se ocupavam vários pensadores franceses. Tal projeto pode ser resumido pela questão: como nos tornamos o que somos? Nessa (im) possível filiação, Guattari parece ter respondido: tornamo-nos o que somos pela produção de subjetividade.

Para compreender o funcionamento da produção de subjetividade, Guattari extrapolou as concepções epistemológicas tradicionais que separa, de um lado, os seres humanos e, do outro, os demais seres vivos, os objetos e as máquinas e, de certa forma, nos mostrou que o não humano é o que torna humano os seres humanos. Seu conceito de máquina, apresentado em 1969 à escola Freudiana de Paris, procurou revelar que os seres humanos estão em uma encruzilhada entre os diversos maquinismos em constante movimento e uma estrutura social, podemos chamá-la de capitalismo. Essa relação é que produz os agenciamentos que colocam em movimento os territórios existências da subjetividade humana.

Embora Guattari tenha lançado inúmeras perguntas e elaborado um arcabouço conceitual consistente, a partir de várias áreas do conhecimento, para compreender o funcionamento da produção de subjetividade, o campo educacional nunca foi problematizado de forma mais vigorosa tendo em vista esse objetivo. Em sua numerosa obra, não chegou a escrever nenhum livro ou artigo específico sobre educação, embora tenha tangenciado alguns temas ligados à educação em apresentações, debates e em poucos textos, como por exemplo, *As creches e a iniciação* e *Devir criança, malandro, bicha*. No caso dos dois textos, Guattari deixou visível a participação das instituições educativas, aquilo que denomina de equipamentos coletivos, no processo de iniciação da subjetividade ao sistema de representação e valores capitalísticos.

Tomando como referência as observações micropolíticas feitas por Guattari a respeito das instituições educativas e de outras instituições, elaboramos, nesta dissertação, uma espécie topografia da instituição escolar de ensino básico; uma descrição de superfície que, como já explicamos anteriormente, não relata o que seria a essência de uma instituição escolar brasileira nos dias atuais, com seus erros e acertos, nem tampouco uma possível solução em forma de modelo pedagógico a ser seguido, mas, em contrapartida, procuramos descrever o seu funcionamento.

A funcionalidade da instituição escolar, nesse sentido, se baseia nas relações macro e micropolíticas cotidianas, estabelecidas entre as diferentes máquinas e os indivíduos, sejam eles estudantes, professores, diretores e demais funcionários. De modo geral, as relações macro e micropolíticas das diferentes instituições escolares revelam-se semelhantes, pois o uso que se faz do espaço, do tempo, das leis, dos métodos pedagógicos e das relações interpessoais parece adaptar e preparar os indivíduos para uma vida

capitalista. Considerar, portanto, que as instituições de ensino básico no Brasil produzem uma subjetividade capitalística não nos parece uma arbitrariedade.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7º edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Até o fim...** In Cadernos de Subjetividade/Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Volume I, nº 1, São Paulo, 1993. p. 57.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

_____. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1ª reimpressão – 2002a.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1ª reimpressão – 2002b.

_____. **Kafka: para uma literatura menor.** Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Volume 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2ª reimpressão – 2004.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Volume 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 3ª reimpressão – 2005.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 4ª reimpressão – 2006.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze et Félix Guattari: biographie croisée.** Paris: Éditions La Découverte, 2007.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze & Félix Guattari: Biografia Cruzada.** Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Prefácio (Anti-Édipo).** In: FOUCAULT, Michel. **Repensar a Política.** (Coleção Ditos e Escritos VI). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 103-106.

GUATTARI, Félix. **Guattari entrevista Lula**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **Les nouveaux espaces de liberté**. Paris: Dominique Bedoux, 1985a.

_____. **Pratique de l'institutionnel et politique**. Paris: Matrice, 1985b.

_____. **Les années d'hiver, 1980/1985**. Paris: Bernard Barrault, 1986.

_____. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. Tradução de Suely Rolnik.
3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise**. Tradução de Constança Marcondes César e Lucy Moreira César. Campinas: Papirus, 1988.

_____. **Cartographies Schizoanalytiques**. Paris: Galilée, 1989.

_____. **Linguagem, Consciência e Sociedade**. In LANCETTI, Antonio (org.). **Saúde Loucura 2**. 3º edição. São Paulo: Editora HUCITEC, 1990.p. 3-17.

_____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

_____. **Guattari na PUC.** In Cadernos de Subjetividade/Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Volume I, nº 1, São Paulo, 1993a. p. 10-29.

_____. **A paixão das máquinas.** In Cadernos de Subjetividade/Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Volume I, nº 1, São Paulo, 1993b. p. 40-51.

_____. **Ritournelle(s).** Paris: Éditions de la Pince à Linge, 1999.

_____. **As três ecologias.** Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. 12. ed. Campinas: Papirus Editora, 2001.

_____. **La Philosophie est essentielle à l'existence humaine.** La Tour-d'Aigues: L'Aube, 2002.

_____. **Écrits pour L'Anti-Oedipe.** Paris: Éditions Lignes/Manifeste, 2004a.

_____. **Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional.** Tradução de Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. Aparecida: Idéias & Letras, 2004b.

_____. **Da Produção de Subjetividade:** in PARENTE, André (org). **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual.** 3º edição. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008. p. 177-191.

_____. **Lignes de fuite: pour um autre monde de possibles**. Paris: Éditions de L'aube, 2011a.

_____. **Máquina Kafka**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: n-1 edições, 2011b.

_____. **A Filosofia é Fundamental à existência Humana**. Grandes Entrevistas. Paris: TV Francesa, 1989-1990. Este conteúdo foi reproduzido no Brasil pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=Fk_OrkMG5YI . Acessado em 15/07/2013.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2ª Edição. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

PELBART, Peter, Pál. **Nau do Tempo-Rei: 7 ensaios sobre o tempo da loucura**. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1993.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2004.

Apêndice I (obras literárias citadas no corpus da dissertação):

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Odorico Mendes. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

KAFKA. Franz. **Na colônia Penal**. Tradução de Modesto Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Wilson Velloso. 21º ed. São Paulo: Editora Nacional, 1989.

PINSETT. John. **Mitos e lendas da Grécia Antiga**. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

VERNE. Júlio. **Volta ao mundo em 80 dias**. Tradução de Terezinha Monteiro Deutsh. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

Apêndice II (obras cinematográficas citadas no corpus da dissertação):

BLADE Runer. Direção: Ridley Scott. Produção: Michel Deely. Intérpretes: Harrison Ford; Rutger Hauer; Sean Young; Edward Ward; James Olmos e outros. Roteiro: Hampton Fancher e David Peoples. Música: Vangelis. Los Angeles: Warner Brothers, c1991. 1 DVD (117 MIM), Color. Produzido por Warner Vídeo Home.

METROPOLIS. Direção: Fritz Lang. Intérpretes: Alfred Abel; Gustav Fröhlich; Brigitte Helm, Rudolf Klein-Rogge e outros. Alemanha, 1927. 1 DVD. (153 MIM), Preto e Branco.

Apêndice III (obra musical citada no corpus da dissertação):

FLOYD, Pink. **Wish You Were Here.** Londres: Harvest/EMI, 1975.

Apêndice IV (obra artística citada no corpus da dissertação):

Richard Lindner, **Boy With Machine**, 1954, óleo sobre tela, 102 x 76 cm.